

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
LICENCIATURA EM LETRAS- LÍNGUAS ADICIONAIS: INGLÊS, ESPANHOL E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

DIANA MEDINA VAZ

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E A REPRESENTATIVIDADE DOS
ALUNOS NEGROS DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUAS
ADICIONAIS DA UNIPAMPA**

**Bagé
2019**

DIANA MEDINA VAZ

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E A REPRESENTATIVIDADE DOS
ALUNOS NEGROS DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- LÍNGUAS
ADICIONAIS DA UNIPAMPA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Vieira Morais

**Bagé
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

V393c Vaz, Diana Medina

A construção da identidade negra e a representatividade dos
alunos negros do curso de licenciatura em letras - línguas
adicionais da Unipampa / Diana Medina Vaz.

70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2019.

"Orientação: Kátia Vieira Moraes".

1. Identidade negra. 2. Formação docente . 3.
Representatividade negra. 4. Questões raciais . I. Título.

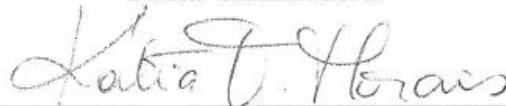
DIANA MEDINA VAZ

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E A REPRESENTATIVIDADE DOS
ALUNOS NEGROS DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- LÍNGUAS
ADICIONAIS DA UNIPAMPA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Línguas
Adicionais: Inglês, Espanhol e Respektivas
Literaturas da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25 de junho de 2019.


Banca examinadora:



Profa. Dra. Kátia Vieira Moraes

Orientadora

UNIPAMPA



Prof. Dr. Thiago Santos da Silva

UNIPAMPA



Profa. Dra. Vera Lucia Duarte Ferreira

UNIPAMPA

Dedico à minha mãe que sempre esteve comigo em todos os momentos de minha vida, pelo amor, carinho e dedicação. Esta conquista devo a ela que é o meu alicerce familiar e o meu maior exemplo de mulher negra forte e guerreira que criou dois filhos sozinha. Obrigada por me incentivar a acreditar em meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente com carinho

Em primeiro lugar, à minha mãe Ordalia, meu irmão Neimar e o meu namorado Alan pelo carinho, amor e companheirismo para conseguir vencer essa longa caminhada cheia de desafios e obstáculos porque sem vocês eu jamais conseguiria chegar até aqui. Obrigada por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis me dando força e suporte para não desistir de um dos meus maiores sonhos que era entrar na universidade e me tornar professora.

Em seguida, agradeço à minha Orientadora profa. Dra. Kátia Vieira Moraes por ter aceitado me orientar mesmo sabendo que a temática escolhida por mim não seria fácil de ser discutida. Agradeço por ter tido paciência em ouvir os meus receios e dúvidas, pelos momentos de discussões que me fizeram refletir sobre a importância da minha escrita como mulher e professora negra. Por sua generosidade em compartilhar comigo tudo o que você sabe além de ter tido muita sabedoria para me guiar durante o desenvolvimento da pesquisa, me dando o suporte necessário para que eu pudesse desenvolver e concluir esse Trabalho de Conclusão de Curso da melhor forma. Obrigada, por fazer parte desse momento tão importante da minha formação como docente.

À profa. Dra. Luciani Salcedo de Oliveira minha orientadora no Estágio Escolar de Inglês, agradeço por fazer parte da construção da minha identidade como professora, por me incentivar a não desistir em vários momentos difíceis e por toda sua dedicação, carinho e paciência. Sempre me mostrando o lado positivo mesmo nas adversidades, além de me ajudar a perceber o quanto eu sou capaz de superar qualquer obstáculo por mais complicado que ele seja. Obrigada por sua amizade, lovely!

Ao movimento negro Enegrece agradeço pelas rodas de conversa que participei em que pude aprender um pouco mais sobre a situação do negro na sociedade atualmente, pelas trocas de experiências com os outros alunos negros da UNIPAMPA que contribuíram para que o meu desejo de realizar este trabalho pudesse florescer.

Aos alunos negros que participaram dessa pesquisa minha gratidão pela disponibilidade e por terem aceitado fazer parte do meu trabalho: os relatos de suas experiências contribuíram para que eu pudesse refletir mais sobre a construção da minha identidade negra e a do outro. Espero que essa pesquisa também possa ajudar outras pessoas assim como me ajudou. Grata pela confiança.

Gostaria de agradecer aos amigos que fiz durante esses 4 anos na UNIPAMPA, especialmente à minha (Best) Carina, Pâmela, Maristela, Amanda, Franciéli, Maria Augusta e Diogo por todo o apoio, carinho, cumplicidade e amizade: passamos por diversos momentos juntos que nos fizeram crescer tanto como pessoas, quanto como professores. Tivemos períodos em que enfrentamos muitas dificuldades que fizeram com que a nossa amizade fosse fortalecida e pudéssemos perceber o quanto somos capazes de superar obstáculos e alcançar os nossos sonhos. Também, compartilhamos momentos de muita alegria e risadas que jamais irei esquecer que me fizeram ter força para continuar nessa jornada, além da troca de conhecimento e reflexões. Acredito que, sem vocês, eu não conseguiria chegar até aqui. Mil vezes obrigada, compañeros!

Aos demais Professores da UNIPAMPA agradeço imensamente pela dedicação e motivação durante essa jornada e por todo conhecimento, vocês são excelentes profissionais que merecem toda a minha gratidão e respeito.

Obrigada a todos e todas por tudo!

*Minha pele é parda
meu cabelo é enrolado
eu digo que sou negro
eles dizem que sou mulato
mulato vem de mula
e eu não sou bicho
eu repito que sou negro
eles insistem que sou mestiço
(MC Mestiço-Negro não Nego, 2019)*

RESUMO

O presente trabalho analisa às vivências de alunos e ex-alunos negros, futuros professores, do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respektivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. Esta pesquisa tem como objetivo analisar de que forma os futuros professores negros estão construindo suas identidades negras e como eles percebem a importância de sua representatividade negra no ambiente escolar. A ideia deste trabalho surgiu a partir dos meus questionamentos sobre a minha identidade negra durante a minha trajetória escolar e também da necessidade de discutir essa temática, pois a pouca difusão das vivências de alunos negros no âmbito escolar. Os participantes desta pesquisa são alunos negros sendo doze mulheres e seis homens de diferentes semestres entre eles três ex-alunas recém-formadas. Os participantes responderam um formulário *online* contendo quinze perguntas descritivas que abordavam as temáticas de auto reconhecimento e identidade negra. A partir da análise dos dados e discussões evidenciou-se que os futuros professores negros estão construindo as suas identidades negras com base na descoberta e no reconhecimento de suas raízes ao longo do curso. Esses mesmos indivíduos afirmam que suas presenças irão contribuir principalmente para o desenvolvimento da identidade dos alunos negros como uma forma de incentivo e influência para que eles possam se enxergar através de uma imagem positiva e lutem por seu espaço na sociedade.

Palavras-Chave: Identidade negra. Formação docente. Representatividade negra. Questões raciais.

ABSTRACT

In this research, we analyze the experiences of black students, future black teachers, in the Additional Languages Teacher Education Program: English, Spanish and Literatures (Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas), at Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, Campus Bagé). We analyze how future black teachers are building their black identities and how they perceive the importance of their black representativeness in the school environment. The idea of this research came from my questioning about my black identity during my school trajectory and also the need to discuss this subject because of the little diffusion of the experiences of black students in school. The participants in this survey are black students, twelve women and six men in different academic years, including three alumni. For data collection, participants had to respond to an *online* survey containing fifteen questions that addressed the issues of black identity and representativeness. We understand that future black teachers are building their black identities based on the discovery and recognition of their roots. As they reflect on the importance of being a positive black representation in their community, they claim that their presences will contribute to the development of black students' identity as a form of encouragement and influence. In this way, their students might be able to see themselves through a positive image and fight for space and voice in their community.

Keywords: Black identity. Teacher education. Black representativeness. Racial issues.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Informações com as questões do formulário <i>online</i>	46
Tabela 2- Informações sobre os participantes da pesquisa.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UNIPAMPA- Universidade Federal do Pampa

LA- Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Minha trajetória escolar e descoberta como mulher negra.....	14
2	PERGUNTAS DA PESQUISA.....	16
3	OBJETIVOS.....	16
3.1	Objetivo geral.....	16
3.2	Objetivos específicos.....	17
3.3	Contextualização.....	17
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
4.1	Identidade.....	20
4.2	Pessoalizando identidade.....	27
4.3	Identidade negra e sua construção.....	28
4.3.1	Depois da escravidão a tentativa de ascensão social.....	28
4.3.2	O que é ser negro?.....	30
4.3.3	Identidade negra.....	31
4.3.4	Papel da escola e do professor na construção da identidade negra.....	35
4.4	Representatividade negra.....	39
5	METODOLOGIA.....	45
5.1	Participantes da pesquisa.....	47
6	DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	50
6.1	Construindo suas identidades negras.....	50
6.2	A representatividade negra em sala de aula.....	56
6.3	A identidade negra e o racismo em sala de aula.....	61
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
	REFERÊNCIAS.....	67
	APÊNDICES.....	70

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho iremos analisar a partir das narrativas sobre a construção da identidade negra e a representatividade negra dos alunos do Curso de Licenciatura em Letras- Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. A pesquisa tem como intuito investigar de que forma os alunos da universidade, enquanto futuros docentes, estão construindo suas identidades negras e como eles percebem a sua representatividade no ambiente escolar. Além disso, a partir das respostas, buscamos analisar como esses alunos pretendem inserir questões raciais como a identidade negra e o racismo em suas práticas docentes. Para isso, primeiro pessoalizamos a pesquisa com minha trajetória escolar e descoberta como mulher negra para depois apresentarmos a contextualização, justificativa, perguntas, objetivos e contextualização.

1.1 Minha trajetória escolar e descoberta como mulher negra

Discutir sobre a construção da identidade negra e a representatividade negra de professores são assuntos novos para mim, mas a partir de algum tempo para cá se tornaram pertinentes na minha vida. Este será um breve relato de como foi a minha experiência no ambiente escolar com a falta de representatividade de professores negros.

Durante minha adolescência, lembro de fazer vários questionamentos sobre a minha aparência, a textura do meu cabelo e a cor da minha pele. Eu não entendia por que era tão discriminada no ambiente escolar ou na rua por estranhos e até mesmo por amigos e pessoas próximas. Por diversos momentos desejei mudar a cor da minha pele para que essa se tornasse branca porque acreditava que essa era a cor de pele mais bonita e achava que dessa forma seria aceita e também amada pelas pessoas. O meu cabelo eu nunca usei ao natural. Na verdade, eu nunca soube qual era a sua verdadeira textura e forma, pois eu sempre tive o cabelo curto e alisado não sabendo como lidar ou cuidar dele. As únicas coisas que escutava das pessoas era: “Por que o seu cabelo não cresce? Você não vai pentear esse cabelo? O seu cabelo é tão ruim e duro parece um Bombрил”. Perguntas e comentários pejorativos como esses fizeram com que eu acreditasse que havia algo de errado comigo e com a minha aparência. Por causa do preconceito que estava sofrendo, comecei a negar tudo o que era relacionado aos negros. Na adolescência, cada vez mais o uso de produtos químicos em meu

cabelo se tornou mais frequente. Dessa forma, presumia que tudo iria melhorar se eu mudasse a minha imagem. Mal eu sabia que essa era uma camuflagem que eu usava para me esconder. Agindo assim, eu não me sentia confortável, como se aquela pessoa não fosse eu. Nesse período, a única representação negra positiva que eu tinha era minha mãe; nela eu pude me espelhar e perceber que eu não era a única negra. Eu sempre a admirei por ela ser uma mulher negra, que eu sempre achei muito bonita e determinada.

Já na escola, a situação não era diferente, os apelidos pejorativos continuavam e eu me indagava: “Por que eu não tinha professores negros ou colegas negros?”.

No decorrer de minha trajetória escolar, eu tive somente dois professores negros. A minha primeira professora do primeiro ano do Ensino Fundamental era negra. Na verdade, eu não a considerava negra naquela época, visto que ela tinha a pele mais clara, porém eu a admirava por ser muito gentil e ótima professora. Foi com ela que aprendi a ler e a escrever. Hoje em dia, eu percebo que mesmo ela não discutindo as questões raciais, ela foi muito importante para mim tanto que até hoje lembro dela com muito carinho, além de nos reconhecermos e cumprimentarmos nas ruas de Bagé. Depois de passar, todo o meu Ensino Fundamental e Médio sem nenhuma outra representatividade de professor negro ou professora negra, no meu último ano do ensino médio, a escola recebeu a contratação de um professor novo de inglês que, para a minha surpresa, era negro, tinha cabelo *Black Power* e um sotaque diferente de outra região do Brasil. Quando eu vi aquele professor com a mesma cor de pele que a minha e a posição que ele estava ocupando, eu me senti muito importante e percebi que não era a única negra naquele ambiente em que a maioria das pessoas eram brancas. Havia outra pessoa como eu. Identificamo-nos imediatamente e criamos um laço de amizade.

Por causa desses dois professores, a minha motivação para ser professora começou a despertar. Pude me imaginar sendo professora. Eu sempre gostei muito de aprender idiomas e o inglês sempre foi a minha paixão. No ensino médio outra professora que não era negra teve também um papel fundamental na minha escolha pela profissão de professora. Foi ela que percebeu o meu interesse pela língua inglesa em suas aulas e me convidou para participar de um projeto que oferecia curso de inglês gratuito para a comunidade. Participando desse projeto os meus horizontes começaram a expandir e decidi entrar na universidade para cursar Letras.

Então, ingressei na UNIPAMPA em 2015 e decidi optar pelo curso de LA. Nesse ambiente, conheci novas pessoas e descobri muitas coisas sobre o mundo que antes para mim

eram inimagináveis. Foi na universidade que eu conheci o movimento negro Enegrece formado por alunos negros que promoviam, através de rodas de conversa, debates sobre racismo, valorização da beleza negra, cultura, história e militavam para que os alunos negros permanecessem na universidade apesar de todos os empecilhos. Cada aluno negro compartilhava com os demais participantes do movimento relatos de suas experiências sobre racismo, aceitação do cabelo e tantas outras histórias. Quando eu me vi cercada por pessoas parecidas comigo, tanto nos traços físicos como o cabelo, quanto na maneira de se vestir e pensar, eu me senti fortalecida e acolhida por esse grupo. Dessa forma, eu comecei a me reconhecer como mulher negra, a querer saber como era o meu cabelo natural. Passando pela transição capilar, comecei a usar tranças para ajudar nesse processo. Também senti a necessidade de descobrir qual é a minha origem e aprendi a valorizar a minha beleza negra. E novamente comecei a me questionar: “Eu, professora negra, como devo me posicionar diante de uma situação de racismo? Como posso conscientizar os meus alunos sobre a desigualdade racial e privilégios? Onde posso achar materiais que valorizem a cultura e a história dos negros?”

2 PERGUNTAS DA PESQUISA

Minhas reflexões e vivências deram origem as seguintes questões:

Como os estudantes negros do Curso de Licenciatura em Letras- Línguas Adicionais, futuros professores negros, estão construindo suas identidades negras?

Como eles percebem a importância de sua representatividade negra na sala de aula nos dias atuais?

3 OBJETIVOS

Do mesmo modo, minhas inquietações e perguntas geraram os seguintes objetivos:

3.1 Objetivo geral

Analisar a partir das respostas dos estudantes, futuros professores negros, como eles se reconhecem como negros e como percebem a influência de sua representatividade na sala de aula.

3.2 Objetivos específicos

- Investigar como os estudantes de LA, futuros professores negros, se reconhecem como negros através de sua corporeidade, isto é, cabelo crespo, pele negra e traços negroides;
- Refletir sobre a influência do racismo para a suas identidades negras;
- Analisar, durante a trajetória escolar dos acadêmicos, como eles se sentiram representados a partir da presença de professores negros;
- Explorar como os acadêmicos pensam em inserir temas relacionados a identidade negra, representatividade negra e racismo em suas práticas pedagógicas e quais materiais eles pretendem usar como apoio.

3.3 Contextualização

E na UNIPAMPA onde estão nossas vozes? Onde estamos representados?

A UNIPAMPA é uma instituição de ensino superior pública federal multicampi criada em 2006. Conta com dez campi na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, nas cidades de Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana. A sede administrativa da UNIPAMPA está localizada na cidade de Bagé, na região do bioma pampa, mais precisamente na fronteira do Brasil e Uruguai onde também se encontra o campus Bagé.

A UNIPAMPA possui setenta e um cursos de graduação. Entre eles, no campus Bagé, encontramos o curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, doravante Línguas Adicionais ou LA, que fornece dupla habilitação na formação de professores em duas línguas adicionais. Neste contexto, utiliza-se o termo língua adicional em vez de língua estrangeira porque o curso tem como objetivo valorizar o multilinguismo através do ensino de inglês e espanhol, línguas presentes no cotidiano da sociedade brasileira e na comunidade Bajeense. O conceito de língua adicional é utilizado para tratar de línguas que se adicionam à primeira língua, que conhecemos e usamos em nossas vidas cotidianas de várias formas. Segundo Schlatter e Garcez (2012), a língua adicional é a língua que se adiciona ao repertório do falante, de modo que ela está presente no cotidiano do mesmo de várias maneiras.

No curso de LA, a construção da identidade negra ainda parece ser um tema não muito discutido, pois não é primaz a inserção dessa temática nos componentes curriculares

obrigatórios. Neste ano de 2019, com a reformulação ocorrida no Projeto Pedagógico de Curso menciona que as questões étnico-raciais estarão mais presentes nos seguintes componentes curriculares como Culturas Anglófonas, Culturas Hispânicas, Letramentos em Inglês, Políticas Públicas Educacionais no Contexto Brasileiro e Política Linguística. Os componentes curriculares eletivos trazem uma possibilidade de oferta que depende da disponibilidade de professores que seriam História e Cultura Indígena, História da Descendência Africana e Gênero, Etnia e Identidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2019, p .27)

Observamos que os componentes curriculares obrigatórios continuam mencionando como um dos conteúdos de Letramentos em Espanhol, Letramentos em Inglês, Conversação em Espanhol e Conversação em Inglês “sensibilizar o aluno para as questões étnico-raciais e de educação ambiental”. Vale a pena mencionar que esse não é o foco principal das disciplinas. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2019, p. 55, 61, 63 -57)

Além disso, ainda parecem ser insuficientes os projetos de ensino, pesquisa e extensão no campus Bagé ou no curso de LA em que a temática da identidade negra seja o foco principal. À primeira vista parecem existir algumas falhas no ensino sobre as questões raciais que necessitam ser ajustadas. Além do mais, os alunos, futuros docentes, devem ser preparados para abordar esse tema em suas aulas. Mas nem somente de currículo é feita a universidade.

Atualmente, na universidade existem dois movimentos negros. O primeiro movimento é institucional e abrange todos os campi: o Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). O segundo movimento é o Enegrece criado em uma roda de conversa organizada em 6 de maio de 2017 por alunos negros do campus Bagé. Esse grupo parece ser “um filho sem pais, mas com família grande”, segundo palavras de uma das integrantes que faz parte da criação do movimento negro, Kimberly do Couto Paz do curso de Licenciatura em Música. Nascido da necessidade dos alunos negros em debater sobre questões como racismo, desigualdade racial, preconceito no intuito de incentivar através da militância do grupo a permanência desses indivíduos na universidade. Ambos os grupos têm o objetivo de discutir as questões raciais na sociedade brasileira e na academia, assim como valorizar a cultura e história afro-brasileira.

Em geral, na educação oferecida no ensino superior as questões raciais precisam ser protagonizadas em nossos currículos e atividades. Talvez seja necessário mais do que alguns componentes curriculares e movimentos negros na UNIPAMPA para que os acadêmicos

(negros, pardos, indígenas e brancos) reflitam sobre a temática da identidade e representatividade negra que é tão importante e pertinente em nosso país se desejamos a inserção do cidadão negro em todas as esferas profissionais para combatermos o racismo.

Cada vez mais alunos negros estão ingressando na universidade e é necessário que eles se sintam acolhidos e representados no âmbito universitário. Para que isso aconteça algumas demandas necessitam ser supridas. Uma delas é que os alunos negros devem ser respeitados e ouvidos. Suas vozes devem ser protagonizadas. Por esse motivo, sinto uma necessidade enorme de discutir a construção da identidade negra e a representatividade negra. Espero que através desta pesquisa eles possam se reconhecer ou se sentirem representados e que este seja um momento em que possam também refletir sobre suas experiências e sobre sua identidade negra. Por ser uma futura professora negra, como os participantes desta pesquisa, eu acredito que escrever sobre a construção da identidade negra e a representatividade dessas problemáticas possa contribuir que esse possa ter uma evidência maior no curso de LA. Além disso, entendo que esta pesquisa possa provocar reflexões sobre como esse tópico está sendo trabalhado ou poderá ser acrescentado aos componentes curriculares do curso.

O presente trabalho será dividido em seções nas seguintes categorias: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise e discussão de dados e considerações finais. Na introdução, pessoalizada com a minha trajetória escolar e descoberta como mulher negra, apresentamos a temática, perguntas, objetivos e a contextualização. Na fundamentação teórica, aprofundamos o tema com autores que discutem sobre identidade, identidade negra e sua construção e representatividade negra. Na metodologia, descrevemos o contexto em que a pesquisa foi realizada, os participantes e a coleta de dados. Depois disso, analisamos e discutimos os dados da pesquisa trazendo as considerações finais.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com a finalidade de embasar teoricamente as minhas vivências e questionamentos de como ocorre a construção da identidade negra e a percepção da mesma por alunos de Línguas Adicionais em formação, revisamos as referências sobre os tópicos identidade, identidade negra e representatividade negra para arguir pela a importância do tema construção da identidade negra no contexto escolar.

4.1 Identidade

O que é identidade? De modo preciso é um tanto quanto difícil responder a essa pergunta visto que o conceito de identidade envolve alguns elementos que não estão somente relacionados ao indivíduo. Descrevemos o conceito de identidade a partir de três autores: Kathryn Woodward, Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall. Woodward (2012) traz o conceito de identidade relacional, identidade de negação e identidade histórica; Silva (2012) adiciona os conceitos de multiculturalismo e diversidade; Hall (2012) aborda o conceito de perspectiva desconstruída. A compilação dessas diferentes maneiras de abordar o conceito de identidade se faz necessária para respondermos a pergunta acima.

Woodward (2012) caracteriza o conceito de identidade como relacional, de negação e histórica. Esses elementos entre outros podem gerar, conseqüentemente, uma possível crise de identidade devido ao fator da globalização. Woodward (2012) analisa a identidade e a diferença a partir da história de dois povos, os sérvios e os croatas, em contexto de guerra. A partir desse exemplo, ela descreve identidade no contexto da história como *relacional* porque para a existência de uma identidade é necessário que outra identidade forneça uma relação para que a primeira exista; ou seja, uma identidade não é construída sozinha. Nesse sentido, a identidade é o conjunto de elementos que caracteriza um indivíduo ou uma comunidade em relação a outro indivíduo ou a outra comunidade. Woodward (2012, p. 10) enfatiza que, “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que essa pessoa usa”. Ela demonstra isso com o exemplo dos sérvios e dos croatas, povos que estão dividindo o mesmo espaço e aspectos culturais, mas que acreditam que são completamente diferentes. Mesmo existindo evidências de suas semelhanças como, por exemplo, o hábito de fumar cigarro que eles compartilham, eles não admitem uma identidade similar. Essa questão de similaridade e diferença entre os croatas e sérvios são pontos problemáticos porque a partir disso surge a

negação da similaridade entre os povos, a exclusão daquilo que não é, conseqüentemente, leva a afirmação de sua identidade de ser croata ou ser sérvio. Ou seja, a autora afirma que os dois povos têm muitas similaridades e ao mesmo tempo existem diferenças cruciais entre eles que determinam suas identidades.

Além disso, a autora ressalta que quando uma pessoa afirma ser algo, ela está negando ser outra coisa, como é o caso dos sérvios e croatas com suas identidades nacionais. Woodward (2012, p. 9) diz: “A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não croata”. A identidade é assim marcada pela diferença”. Ou seja, a identidade é caracterizada pelo fator negação, o ato de negar aquilo que não é, significa o que não se admite como verdade, é uma espécie de recusa. Nesse caso, no nosso contexto, se uma pessoa é brasileira, ela automaticamente exclui a possibilidade de ser argentina ou ela é uma coisa ou outra.¹

Woodward (2012) salienta que em um momento da história, os sérvios e croatas voltaram as suas origens da cultura sérvia dos guerreiros e dos contadores de história para afirmar e reafirmar sua identidade. A partir disso, surge a vontade de separar e distinguir a identidade nacional. Muitas vezes, para saber qual origem a pessoa pertence é necessário que ela volte ao ponto de partida inicial de sua origem, ao passado para poder reafirmar sua identidade. A identidade pode ser entendida a partir da volta às origens, ou reafirmada pela contação de histórias de alguém ou de um povo que foi antepassado ao indivíduo que quer descobrir sua origem. Nesse sentido, destaca Woodward (2012, p. 11) “Os sérvios, os bósnios e os croatas tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora, ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades”. Dessa maneira, os sérvios foram redescobrimo ou reinventando o seu passado e aos poucos construíram uma identidade nova, como afirma Woodward (2012, p. 12) “Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise”. A partir desse exemplo, fazemos uma comparação com o que ocorre nos dias atuais, onde os negros buscam em seu passado elementos e características de sua cultura como vestimenta, hábitos e costumes para reafirmar sua identidade. Ou seja, buscam o ponto de partida de sua origem, e acabam construindo uma nova identidade com a agregação de elementos novos. A volta ao passado pode fazer com que o indivíduo construa uma nova identidade e acabe se questionando.

¹ Esse exemplo é demonstrativo e exclui a possibilidade de dupla nacionalidade e de casos fronteiriços.

Ainda discutindo sobre a identidade, de acordo com Woodward (2012, p. 13) ela discute “Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável”. De acordo com a autora, a sociedade vê a identidade dos sujeitos como sendo permanente, ou seja, ela não poderia ser mudada. Mas, o que a autora nos mostra é completamente ao contrário que a identidade não é fixa porque ela está em constante transformação. Isso ocorre devido às mudanças que acontecem na vida do indivíduo, ou seja, os elementos que ele vai agregando a sua identidade e contribuem para a construção da mesma.

Da mesma forma Woodward (2012, p. 14) destaca que a “A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais”. Isto pode ser aplicado às minorias que são grupos marginalizados pela sociedade como pobres, negros, imigrantes, deficientes entre outros. Muitas vezes, por aspectos sociais e econômicos, eles podem ser excluídos ou deixados de lado pela sociedade, pois quem sofre essa desigualdade acaba por ser considerado sem identidade.

Em seguida, Woodward (2012, p. 14) traz outro exemplo, mas agora sobre como a identidade é classificada “A conceitualização da identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas, por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição: “nós e eles”, “sérvios e croatas”. Nesse exemplo, é possível perceber que existem distinções que são feitas na sociedade, existe uma separação do que é bom ou ruim, feminino ou masculino, esse grupo ou aquele. Isso pode ser considerado um sistema classificatório da identidade.

Contudo, Woodward diz que para compreender o que é identidade é necessário entender que existem algumas preocupações contemporâneas atuais, como preocupações globais, históricas, mudança social e movimentos políticos, que podem contribuir para mudanças no campo da identidade que podem causar uma crise de identidade do sujeito.

Para melhor explicar, Woodward analisou diferentes contextos nos quais as questões sobre identidade e crise de identidade se tornaram centrais. Ela traz alguns autores argumentando sobre o que é crise de identidade. “Crise de identidade são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea” (GIDDENS, 1990, p. 21 *apud* WOODWARD, 2012, p. 21). Essa afirmação está relacionada

com a vida contemporânea e das grandes metrópoles onde as transformações globais afetam diretamente aos indivíduos e suas identidades. Como por exemplo, o que esse indivíduo consome, a qual lugar ele frequenta, com quais pessoas ele se relaciona e convive, todos esses elementos contribuem para uma possível crise de identidade e, conseqüentemente, a construção de uma nova identidade.

Para Woodward o conceito de identidade é bem complexo e vai além de um conjunto de particularidades que diferenciam e identificam um indivíduo ou um grupo. A partir disso, a identidade é relacional porque tudo que está ao redor do indivíduo pode contribuir para a construção de sua identidade. A cada dia novos elementos são agregados sem serem percebidos, ou seja, a identidade não é fixa, ela está sempre em transformação e ela se manifesta também através da negação, nesse contexto foi através da identidade nacional dos sérvios e croatas. Além disso, para construir essa identidade, às vezes, é essencial voltar ao passado, a origem da história. Atualmente, com as transformações globais que estão ocorrendo na vida contemporânea, por causa da influência das mudanças sociais, pode-se desencadear uma crise de identidade que é constituída de conflitos e indagações em que o indivíduo não consegue saber qual sua identidade, pois não consegue relacionar as nuances de sua identidade com os vários aspectos de seu meio social e sua vida.

Silva (2012) traz outro aspecto da identidade para apreciarmos. Ele representa o conceito de identidade a partir do multiculturalismo e da diferença. Ele faz uma reflexão sobre a discussão do tema da identidade no meio social, mais precisamente no currículo escolar, e como ela vai ser contemplada e problematizada. Esses três elementos identidade, diferença e diversidade de certa forma estão interligados.

De acordo com Silva (2012, p. 73) afirma que “Em geral, o chamado multiculturalismo apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”. Ou seja, o multiculturalismo aqui discutido está relacionado com a diversidade cultural que muitas vezes não é compreendida pela sociedade, se tornando uma relação onde a falta de tolerância e a rejeição prevalecem em vez da aceitação e do respeito com as diferenças. Nesse sentido, Silva (2012, p. 73) destaca que, “Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas”. O exemplo mostra que não se pode simplificar a diversidade, naturalizando-a. A ideia que se espera em relação aos três elementos diversidade, diferença e identidade é que haja flexibilidade e respeito. Assim, quando forem tratadas essas questões, elas possam se tornar algo indispensável que não pode deixar de ser contemplado. Podemos

relacionar esse exemplo com as escolas onde discutir sobre as questões de diversidade, diferença e identidade muitas vezes são um tabu porque o que é diferente e desconhecido assusta as pessoas e, conseqüentemente, é deixado de lado. Silva (2012) enfatiza que a educação necessita de um olhar voltado para a diversidade, dessa maneira todos terão uma educação multicultural. Isso significa que a diversidade nas escolas seria abordada de uma forma que contemplasse as diferentes culturas, hábitos e crenças de povos distintos, tendo em vista promover a mudança de pré-conceitos e facilitar a compreensão e a tolerância sobre a diversidade; conseqüentemente, as identidades seriam representadas, distinguidas e problematizadas.

Silva (2012, p. 74) pergunta: “Como se configura uma pedagogia e um currículo que estiverem centrados não na diversidade, mas na diferença concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las?” Nessa pergunta é possível perceber que a diversidade juntamente com a questão da identidade e diferença não devem ser somente toleradas e respeitadas, mas sim discutidas e problematizadas nas escolas. Isso faria com que os indivíduos tivessem consciência sobre essas questões e pudessem refletir e analisar como uma identidade é construída, além de conhecer as diferenças culturais.

Complementando, Silva (2012, p. 74) faz uma ressalva em relação como a identidade é definida a partir do indivíduo que a possui. Ele diz: “Identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou homossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’”. Desta forma, a identidade é caracterizada como algo autônomo e autossuficiente, ou seja, ela é referida somente a si próprio. Quando uma pessoa está afirmando que ela é negra, homossexual, jovem e homem, ela está querendo se distinguir dos demais confirmando sua identidade. Silva enfatiza que as pessoas se autoafirmam o tempo todo porque no mundo em que vivemos existem milhares de seres humanos e nem todos eles são brasileiros, negros, homossexuais ou jovens. Quero dizer, eles não têm a mesma identidade. Enquanto o indivíduo está afirmando sua identidade ele está negando as demais, como se dissesse “não sou americano, nem branco, nem homossexual, nem jovem, nem mulher”. Dessa mesma perspectiva a diferença se apoia, em que a diferença é entendida como algo independente assim como a identidade, então a identidade e a diferença são inseparáveis, uma depende da outra para ser construída e discutida. Mas, por outro lado, Silva (2012, p. 81) afirma que a identidade e a diferença, “não são simplesmente definidas, elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquia, elas são disputadas”.

Ou seja, a identidade e a diferença estão em constante conflito, pois, elas carregam consigo uma relação forte de disputa pelo poder, em que os indivíduos em nossa sociedade buscam obter os melhores privilégios enquanto grupos e individualmente. Silva (2012, p. 81) enfatiza que essa relação de poder entre esses dois elementos se dá pela necessidade de “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença”. Nessa diferenciação, podemos ver novamente as questões de quem pertence ou não a algo, nós e eles, de incluir e excluir entre outras demarcações. Ele usa os seguintes exemplos

São outras tantas marcas da presença do poder: Incluir/ excluir (estes pertencem, aqueles não) classificar (“bons e maus “ puros e impuros “ “desenvolvidos e primitivos” “ racionais e irracionais”) normalizar (“nós somos normais, eles são anormais”). A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”. (SILVA, 2012, p. 81)

De acordo com Silva (2012), nesse exemplo, é possível perceber que existe uma distinção entre a identidade e a diferença, se um indivíduo afirma qual é sua identidade imediatamente é produzida uma marcação da diferença que envolve a ação de incluir e de excluir. É atribuído à identidade as demarcações em relação a quem pertence e quem não pertencem a esta identidade, ou seja, quem eu sou e quem eu não sou. Esse tipo de classificação de identidade e diferença podemos aplicar a disputa de poder que é muito comum entre os brancos e os negros que fazem uma classificação social entre os grupos. Existe uma forte marcação em relação ao poder em que alguns brancos acreditam que são superiores aos negros. Isso significa que os negros acreditam estar do lado de fora dessa demarcação fronteira, enquanto os brancos, do lado de dentro.

Por último, Silva (2012) evidencia as diversas facetas que a identidade tem, quando ela não é pensada somente por um ângulo, por um conceito definido ou por um perspectiva. A identidade pode abranger diferentes significados como, por exemplo:

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. [...] A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. (SILVA, 2012, p. 96)

Para Silva (2012) o conceito de identidade tem uma forte relação com a questão do multiculturalismo, da diversidade e da diferença. Esses três elementos estão interligados e a

conexão entre eles acontece no meio social, um desses lugares seria a escola. O multiculturalismo, a diversidade e a diferença juntamente com a identidade são questões que deveriam ser mais discutidas e problematizadas no currículo escolar e não naturalizados como algo que não tem uma relevância como é visto em muitos contextos. Essas questões para que sejam discutidas é necessário que seja através da consciência através da tolerância e o respeito para com a diversidade cultural. O autor nos mostra que a identidade do indivíduo em nossa sociedade é vista como algo autossuficiente. Quando esse sujeito necessita distinguir sua identidade das outras existentes no mundo, afirmando que é negro, homossexual, jovem e homem, da mesma forma a diferença é estabelecida.

Conseqüentemente, a identidade e a diferença são inseparáveis, pois, elas têm uma relação de poder que faz com que elas sejam problematizadas. Além disso, o autor nos mostra as diversas facetas da identidade afirmando que ela não é estável e sim instável e que ela está em constante mudança.

Por último, Hall (2012) discute “Quem precisa de identidade?” a partir de uma crítica desconstrutiva que coloca alguns conceitos-chaves entre eles a identidade “sob rasura” visto a partir de uma nova percepção. O autor traz o conceito de perspectiva desconstrutiva para discutir a identidade afirmando que está ocorrendo uma desconstrução de como as identidades são vistas e pensadas na sociedade. Hall (2012, p. 103) afirma que, “Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada”. Ou seja, essa afirmação de Hall deve ser aplicada nos dias atuais, em que pensar o conceito de identidade como algo permanente e fixo pode ser um equívoco, pois a identidade do sujeito vai além do que se pode constatar, ela está sempre sendo construída, desconstruída e reconstruída.

Nessa mesma perspectiva, outro conceito que Hall aborda é “sob rasura” que significa que alguns conceitos estão sendo vistos a partir de uma nova percepção inclusive o conceito de identidade. Hall (2012, p. 104) enfatiza que, “O sinal de “Rasura” (X) indica que eles não servem mais- não são mais ‘bons para pensar’- em sua forma original, não reconstruída”. Em relação a identidade significa que a forma que se pensava antes como a identidade era formada e os elementos que a constituíam, atualmente, não é mais suficiente e aceitável. É necessário uma rasura, uma desconstrução da mesma na forma de pensar e construir a identidade. Por fim, Hall (2012, p. 104), diz que a “A identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode

ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”. Dessa maneira, quando se aborda o conceito de identidade autossuficiente, fixa, imutável, unificada é necessário suspender essa ideia, pois ela não beneficia os vários elementos que constroem a identidade múltipla do sujeito ou a importância que essas identidades múltiplas assumem na vida do sujeito.

A presente pesquisa se apoia a partir da perspectiva do conceito de identidade discutida sob diferentes ângulos pelos autores Woodward, Silva e Hall, acreditamos que seja possível fazer uma comparação entre os conceitos e a minha experiência de construção de identidade para fechar a sessão do conceito de identidade.

4.2 Pessoalizando Identidade

Em realidade, foi somente quando eu entrei na universidade que comecei a pensar sobre as questões identitárias. Percebi que a minha identidade para ser construída tinha uma relação com as demais identidades que me rodeavam, ou seja, ela era relacional. Eu possuía algumas características que podiam ser diferentes ou similares às outras pessoas como, por exemplo, a cor da pele, o cabelo crespo, as angústias, ou as ideias. Depois da identificação com pessoas parecidas comigo, percebi que minha identidade não era autossuficiente ou fixa, ela tem um movimento de mudança. Assim, era necessário voltar às minhas origens, à minha história, ou seja, ao ponto de partida onde tudo começou para me autoafirmar sobre a minha identidade e, ao mesmo tempo, reconstruir elementos que foram perdidos no meio do caminho. Dessa forma, eu construí uma nova identidade com novas características e, em muitos momentos, questioneei sobre a minha identidade relacional abrindo uma brecha para uma possível crise de identidade. Talvez, se eu tivesse discutido este tema na escola onde existe uma diversidade cultural vasta, onde se passa a maior parte da vida convivendo com pessoas totalmente diferentes, meus questionamentos teriam sido minimizados. O espaço escolar é um lugar de compartilhamento onde seria possível problematizar e refletir sobre a questão da identidade. Possivelmente, com espaço para discussão, eu não teria esses questionamentos que me angustiam: Quem eu sou? Qual é a minha identidade? O que faz parte da minha identidade? O que quero incluir ou excluir?

4.3. Identidade negra e sua construção

Nessa seção, trazemos o conceito de identidade negra em vez do conceito de identidade étnica-racial. Essa escolha é justificada a partir dos argumentos de Gomes (2002, p.38), “Essa opção decorre do entendimento de que, ao falarmos em identidade negra, encontramos-nos mais próximos dos processos sociais, políticos e culturais vivenciados historicamente pelos negros e negras na sociedade brasileira”. Mas, também se compreende que a etnia e raça são conceitos que fazem parte da construção da identidade negra e esses não podem ser negados e nem excluídos. Aqui explicamos o que é identidade negra e quais são os elementos que a constituem, além de pensar no papel da escola e do professor na construção da identidade negra de seus alunos negros. Para realizar essa discussão, serão utilizadas fontes de diversos autores que estudam a temática (GOMES, 2002; GOMES, 2005; GOMES, 2012; MUNANGA, 2012; SOUZA, 1983). Como o conceito de identidade, a identidade negra é outro termo complexo em suas implicações, pois carrega consigo muitas problemáticas incluindo: ser negro, tornar-se negro, ter o corpo negro e o cabelo crespo, reconstruir e construir social, histórica e culturalmente a identidade negra e sofrer racismo.

4.3.1. Depois da escravidão a tentativa de ascensão social

A escravidão foi um período colonial devastador de nossa história em que os negros, tanto homens, mulheres e crianças, foram trazidos em navios negreiros do continente Africano para diversos países, entre eles o Brasil. O objetivo principal era que essas pessoas servissem como mão de obra. Dessa forma os negros eram considerados mercadoria servindo como moeda de troca. Além disto, eram mantidos em lugares com condições mínimas de higiene, eram sujeitados a diferentes tipos de humilhações e castigos como as chibatadas, os acorrentamentos, os amordaçamentos, as mortes e o estupro de mulheres negras. Somente em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Aurea abolindo assim a escravatura no Brasil. Mesmo com o sancionamento da lei abolindo a escravidão, os negros continuaram sendo tratados com discriminação assim gerando o racismo que ainda é muito presente na contemporaneidade. De acordo com Souza (1983), depois do fim da escravidão no Brasil, os negros tentaram de várias formas conquistar o seu lugar na sociedade, eles acreditavam que, com a liberdade e a abolição da escravatura, a igualdade se faria presente, a desigualdade racial acabaria e que somente através da ascensão social conseguiriam o respeito e a

oportunidade de fazerem parte do corpo social, político e econômico da sociedade. Como afirma Souza.

A definição inferiorizante do negro perdurou mesmo depois da desagregação da sociedade escravocrata e da sua substituição pela sociedade capitalista [...] O negro era paradoxalmente enclausurado na posição de liberto: a ele cabia o papel do disciplinado, dócil, submisso e útil enquanto o branco agia com o autoritarismo [...] a ascensão social se fazia representar ideologicamente, para o negro, como um instrumento de redenção econômica, social e política [...]. (SOUZA, 1983, p. 20-21)

Por outro lado, a autora ressalta que os racistas escravocratas continuavam a seguir padrões tradicionalistas de opressão aos negros com a justificativa de que eles eram uma raça humana inferior. Eram atribuídas qualidades negativas e exclusão social com o objetivo de que eles não fizessem parte da nova sociedade mesmo ela não sendo mais escravocrata. Os negros eram livres, mas seguiam sendo aprisionados nas posições de pessoas que somente serviam para obedecer e agora eram pessoas marginalizadas por não terem uma posição social aceitável. Sua cor de pele escura determinava qual posição social ele pertencia. O branco, por sua vez, ainda se sentia no direito de se considerar dono dos antigos escravos, mas agora determinando qual lugar o negro poderia frequentar, de que forma ele podia lidar com as pessoas e ser tratado.

Segundo Souza (1983), durante a luta pela ascensão social tão sonhada pelos negros, eles enfrentaram muitas adversidades entre elas a desigualdade racial e o preconceito por conta da cor de sua pele. Eles tentaram acabar com o que a autora chama de paralelismo negro/miséria que era quando os negros conseguiam obter uma vida melhor da que eles tinham e arrumavam um emprego. Dessa forma, ascendiam na sociedade. Eram poucos negros que conseguiam essa conquista, mas essa ascensão tinha um preço alto. Automaticamente eles perdiam sua identidade, cultura e história e tinham que seguir o padrão estabelecido pelos brancos. Eles necessitavam negar as suas origens africanas e tudo que tinha relação com ela, para serem considerados parte da sociedade.

Tendo que livra-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tornar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. (SOUZA, 1983, p. 19)

Dessa forma, que o negro assume o branco como uma espécie de única referência de identificação e busca igualar-se cada vez mais com a branquitude eurocêntrica. Por consequência dessa escolha, acabou perdendo sua identidade negra. Mesmo depois que uma parcela da população brasileira negra ter conquistado a ascensão social, muito deles ainda tem certa dificuldade de assumirem sua negritude e ainda vivem em um processo de negação. Enquanto outra parcela tenta, por sua vez, se soltar das amarradas dos resquícios da escravidão e se apropriar de sua identidade negra.

4.3.2. O que é ser negro?

Na atualidade ser negro no Brasil é um desafio constante de luta, resistência e sobrevivência. Os negros lutam por seus direitos de serem representados e para conseguirem o seu espaço na sociedade, da mesma forma que resistem para que permaneçam vivas sua cultura e sua ancestralidade para que elas continuem resistindo de geração a geração, além de sobreviverem todos os dias sem a certeza se irão voltar para casa vivos ou mortos. Só quem é negro sabe o que sente na pele e na alma quando é discriminado em uma entrevista de emprego, quando entra em um estabelecimento e é seguido por um segurança, ou quando não tem representatividade dentro da escola e da universidade. Em pleno século XXI, ainda os negros enfrentam o racismo que é considerado por muitas pessoas como extinto, pois no Brasil vivemos sobre o mito da democracia racial. A cor da pele escura gera conflitos e indagações: é a menos desejada entre a população porque quanto mais escura a pele, menos oportunidades e mais discriminação.

Conforme Souza (1983) acentua para ser negro é necessário tomar uma posição política-ideológica de luta por determinados valores de quem se é assim tomando consciência de sua própria imagem e cultura. Deve-se deixar para trás o modelo branco e eurocêntrico que lhe foi apresentado como sendo a única verdade. Ser negro significa um estado de descoberta a ser vivido, onde é imprescindível romper as barreiras impostas por uma sociedade que é dominada por princípios e crenças com base na discriminação racial. A pessoa negra para vir a tornar-se negra e construir sua identidade precisa, antes de tudo, libertar-se da alienação do não ser: eu não sou negro, eu não tenho cabelo crespo, minha pele não é escura, não sou descendente de um povo que foi escravo e eu não tenho traços de negros. Isto é, parar de negar suas raízes, cultura, corpo, cabelo e a cor de sua pele escura e começar a aceitar e se reconhecer como tal como Souza destaca.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1983, p. 77)

Sabemos que esse é um processo muito difícil, mas é essencial para tornar-se negro que algumas problemáticas como a autoaceitação e o autoconhecimento sejam resolvidos internamente e externamente para que, por fim, o negro possa se enxergar como negro porque assumir a identidade negra é um processo de ruptura dos valores brancos. Além disto, o negro necessita se apropriar de sua cultura, lutar por seu espaço na sociedade criando oportunidades melhores na educação, no mercado de trabalho, na política. Devemos buscar mais representatividade, pois a identidade negra precisa ser trabalhada de forma positiva. Para que entendermos melhor o que é ser negro e como é tornar-se negro urge compreender o que é identidade negra, em que ela consiste e quais são seus elementos principais para que em seguida possamos saber de que forma é possível reconstruir/construir essa identidade.

4.3.3. Identidade Negra

Quando pensamos em identidade negra, é impossível não pensar rapidamente sobre as questões históricas, culturais, linguísticas, religiosas, estéticas, além de corporeidade e da cor da pele porque cada um desses elementos faz parte da identidade negra. A identidade negra implica também na autoidentificação como ser negro, ou seja, aquele que se reconhece e se aceita como afrodescendente. Além disso, esse indivíduo começa a estabelecer uma relação com um grupo que se identifica, como salienta (GOMES, 2005, p. 43) “A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro”.

Segundo Gomes (2005), quando paramos para refletir sobre o que é identidade negra é necessário entendermos que é um processo que está relacionado tanto com a nossa vida pessoal quanto com a nossa vida social, e que, além disso, ela é construída diariamente. É a partir, do nosso convívio social com familiares e a expansão de nossas relações que estabelecemos ao longo da vida com grupos e pessoas de distintas culturas, crenças, etnias e

religiões que construímos a nossa identidade negra e as demais identidades que possuímos, a identidade sexual, nacional, de gênero entre outras. Dessa forma, nos tornamos quem somos. Porém, a construção da identidade positiva negra ainda é um desafio por causa da marca de sofrimento e autonegação que os negros carregam ainda hoje por conta das consequências da escravidão.

Em seguida, trago outro autor que também nos faz refletir sobre o que é identidade negra. Munanga (2012, p.12) afirma que “Falar da identidade negra significa que esta identidade passa, em seu processo de construção, pela cor da pele. O que significaria que essa identidade tem a ver com toda a tomada de consciência da diferença biológica entre “Branços” e “Negros”, “Amarelos” e “Negros” enquanto grupos”. Isto é, pensar sobre a identidade negra é ter consciência da existência de outras identidades e grupos étnico-raciais para conseguir entender o processo de construção de sua própria identidade como não sendo única e singular. A identidade negra passa por uma constante reconstrução e construção de sua cultura, cor e crenças, através do resgate da história. Tudo isso se dá a partir das relações do indivíduo dentro e fora de seu grupo.

Quando falamos das relações estabelecidas entre um indivíduo e outro, também estamos falando como nós nos vemos e somos vistos por esse outro sujeito, e é essa um dos elementos que constituem a identidade negra. Desde muito cedo, as mulheres negras mais do que os homens negros têm uma relação de negação com sua pele negra e cabelo crespo; esses dois ícones identitários sempre foram considerados pelo outro, o branco, como sendo inferiores. Mas, essa insatisfação da mulher negra com a sua estética não é de agora, vem desde a época da escravatura e continuou mesmo depois da ascensão social de alguns negros; esse desejo de se encaixar no padrão estabelecido pela burguesia eurocêntrica só aumentou. As mães, tias e avós sonhavam com o cabelo ideal, aquele que faria delas parte da sociedade, mas não podemos culpá-las por pensarem dessa maneira, pois, foi a sociedade que fez elas acreditarem que essa era sua verdadeira identidade. Como diz Gomes:

Ao falarmos sobre o corpo e cabelo, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. Essa identidade é vista, no contexto desta pesquisa, como um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. (GOMES, 2012, p. 2)

Conforme Gomes (2012), a identidade negra também é construída principalmente pela estética do corpo e cabelo. Essa construção pode acontecer em diferentes ambientes em que o sujeito estabelece relações sociais. Um deles seriam os salões étnicos, nesse espaço a beleza negra é revalorizada fazendo com que a pessoa negra tome consciência da importância de sua ancestralidade e tenha a sua autoestima elevada. Dessa forma, o corpo e o cabelo crespo são duas marcas identitárias muito importantes na luta pela construção da identidade negra. Essa construção não acontece sozinha. É necessário também a interferência do outro de várias formas.

A autora explica que o racismo e a desigualdade racial sofrido pelos negros no Brasil em especial por conta do cabelo crespo refletem um conflito vivenciado pelos brancos e negros, que acaba fazendo com que a pessoa negra se sinta inferior e queira mudar a textura de seu cabelo para se encaixar nos padrões de beleza estabelecido pelos brancos. Fazem isso em busca de uma identidade estética mais valorizada pela sociedade. O cabelo crespo e suas variações de penteados afros são marcas da identidade da população negra, para algumas pessoas negras representa uma forma de expressão simbólica. Como afirma Gomes no trecho a seguir:

Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (GOMES, 2012, p. 2)

Além do corpo e cabelo crespo existem outros fatores que constituem a construção da identidade negra. De acordo com Munanga (2012, p. 10), “O primeiro fator constitutivo desta identidade é a história”, pois, a história dos afrodescendentes na verdade nunca foi contada a partir do ponto de vista de uma pessoa negra de como era a vida antes da escravidão ou de como foi a chegada ao Brasil e aos demais continentes e sim a partir da fala do homem branco carregada de um discurso pejorativo que inferiorizava a cultura do negro, a sua religião e o seu corpo. Então, é necessário resgatar a história dos negros que não foi contada. Isso pode começar no ambiente escolar dentro da sala de aula através de discussões sobre a temática das questões raciais. A partir de novos materiais que tragam a história da cultura negra de uma forma afirmativa de empoderamento e luta dos negros, que mostre a contribuição dos mesmos na formação do Brasil. Dessa maneira, construindo a identidade negra com empoderamento, o resgate da história também implica na formação desse indivíduo, em sua aceitação e reconhecimento de suas raízes e marcas identitárias.

Logo após, Munanga (2012, p. 11) também destaca que “Além da história, outro fator constitutivo da identidade negra é a cultura (religiões, artes, medicinas, tecnologias, ciências, educação, visões do mundo, etc.)”. Ou seja, os negros muito contribuíram para a formação da identidade nacional do Brasil quando foram trazidos da África em navios negreiros, trouxeram com eles vários elementos de sua cultura como a música, as danças, a culinária, o conhecimento de uso de diferentes ervas para curar enfermidades, os rituais, as religiões, entre outros. Essas contribuições culturais dos negros elas devem ser valorizadas como parte da identidade dos negros e dos brasileiros. O autor afirma que por muito tempo os negros foram oprimidos por suas manifestações culturais e algumas delas como a religião candomblé e umbandista até hoje não são vistas com bons olhos pela sociedade. Então, é necessário desconstruir a imagem negativa que foi criada ao longo da história sobre sua cultura, já que esses componentes representam a luta e a resistência de um povo não somente por serem símbolos identitários, mas também por envolverem as questões políticas, sociais e econômicas.

Posteriormente, Munanga (2012, p. 11) ressalta que “As línguas são também consideradas outro fator constitutivo da identidade”. Ele diz que infelizmente muitas delas foram perdidas durante a escravidão e as que resistem ao longo do tempo podem ser encontradas somente nos cultos religiosos e terreiros de candomblé. Podemos perceber que nos livros didáticos, raramente as línguas africanas são mencionadas ou ensinadas nas escolas. São línguas que precisam ser resgatadas porque elas fazem parte da identidade do sujeito negro, são formas de expressão de um povo que luta e resiste até hoje. Como a história, a cultura e a língua africanas também fazem parte da construção da língua brasileira. Segundo Castro (2005), muitas palavras que usamos em nosso dia-a-dia são de origem africana como, por exemplo: quitanda, moleque, dengo, cachaça, cafuné, bunda entre outras milhares que são desconhecidas por sua origem pela população brasileira. Esses vocábulos são uma herança cultural dos afrodescendentes.

Por último, mas não menos importante, Munanga (2012, p. 11) salienta que “O fator psicológico é outro fator constitutivo da identidade”. O autor questiona se haveria alguma diferença psicológica entre as ações de um indivíduo negro e de um indivíduo branco. Se houvesse essa diferença, ela deveria ser analisada a partir do tratamento que os negros foram submetidos durante todo o período escravocrata e não a partir de sua biologia. O autor ressalta que os professores como peça chave na construção da identidade de seus alunos devem ficar atentos ao modo de agir de seus alunos em relação de uns com os outros, a fim

de descobrir se existe uma semelhança comportamental entre todos os negros que defina o fator psicológico.

4.3.4. Papel da escola e do professor na construção da identidade negra

A escola, depois do seio familiar, é um dos espaços principais de convivência das crianças e adolescentes em suas fases de desenvolvimento pessoal, intelectual e social. É nesse ambiente que elas começam a construir sua identidade, seus valores, caráter, descobrir o mundo, aprender mais sobre a sociedade e conviverem com diferentes tipos de pessoas. Essa é uma das melhores fases para ensinar as crianças que não existem hierarquias sociais entre as pessoas, a cor da pele não determina quem é melhor ou inferior, as características biológicas como tipo de cabelo e traços físicos não fazem de uma pessoa mais feia ou mais bonita, pois no mundo existe uma diversidade vasta de belezas e etnias diferentes e é isso que faz cada pessoa ser única. A corporeidade, a cultura, a religião e as crenças do outro devem ser respeitadas.

A identidade negra, como já discutimos anteriormente, não é construída isoladamente, mas em relação dinâmica dependendo da colaboração da sociedade de diversas maneiras. Uma dessas formas relacionais é o ambiente escolar que tem um papel muito importante na formação e construção das identidades de alunos negros, além de promover a conscientização dos alunos brancos em relação aos alunos negros. No entanto, muitas vezes o que falta nesse ambiente são mais abordagens sobre as questões raciais em sala de aula e profissionais mais preparados para que a escola não se transforme em um espaço de exclusão e conflitos. Conforme Gomes ressalta:

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto poder valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatiza-las, discriminá-las, segrega-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2002, p. 39)

A trajetória escolar para alguns alunos pode deixar um legado de muito conhecimento e lembranças memoráveis, enquanto que para outros, como os alunos negros, pode deixar uma marca de exclusão. Essa pode ocorrer de diversas maneiras entre elas: conflitos, preconceito racial, ausência de discussões que exaltem a história e cultura africana, falta de formação de professores e funcionários para lidar com essas temáticas.

Esses alunos negros muitas vezes são submetidos a uma série de humilhações por parte dos colegas e professores. Agressões e silenciamento são as mais comuns, como quando sua capacidade intelectual é posta em dúvida, quando não recebem o mesmo tratamento que os demais colegas, quando são motivo de chacota e recebem apelidos pejorativos por conta de seu cabelo crespo e por sua pele negra. Dessa forma, contribuem para que os alunos negros desejem mudar sua aparência para se igualarem a branquitude e acabe vendo o seu grupo étnico-racial de forma negativa.

Segundo Gomes (2002), a educação e a identidade negra não são processos pensados juntamente e acabam se perdendo ao longo da trajetória escolar. O aluno negro muitas vezes é considerado como incapaz por ter dificuldade na aprendizagem. Esses estereótipos naturalizados em nossa sociedade são justificados, por causa das condições econômicas do lugar onde o sujeito vive ou a qual família pertence. Ainda de acordo com Gomes, os alunos negros que são considerados como um problema no ambiente escolar são inseridos em classes especiais. A escola utiliza dessa tática para evitar o convívio desses alunos com os demais, como uma forma de não ocorrer nenhum conflito. Mas, esse tipo de atitude pode comprometer seriamente a construção da identidade negra em como esse aluno negro se vê. Além do mais, interfere no seu desenvolvimento intelectual, na socialização desse sujeito com o outro, reforçando cada vez mais a desigualdade racial existente tanto na escola quanto na sociedade. Assim pontua Gomes,

Não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual. Muitas vezes os alunos e alunas negras são vistos como “excluídos”, como alguém que, devido ao seu meio sociocultural e ao seu pertencimento étnico/racial, já carrega congenitamente alguma “dificuldade” de aprendizagem e uma tendência a “desvios” de comportamento, como rebeldia, indisciplina, agressividade e violência. (GOMES, 2002, p. 41-42)

É somente através de uma educação de qualidade e professores qualificados que será possível acabar com o racismo, a desigualdade racial e a exclusão de alunos negros no ambiente escolar. Uma medida que faria toda a diferença nesse espaço para mudar o ensino seria a discussão de questões raciais de uma forma mais ativa com os alunos. Em 2003 foi sancionada a Lei nº. 10.639², que altera a Lei de nº 9.394 de Diretrizes e Bases da educação nacional que institui como obrigatoriedade no currículo escolar o ensino da História e

² Lei nº 11. 645/2008 Brasília, 10 março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

Cultura- Afro-Brasileira em todos os espaços de ensino-aprendizagem, ou seja, em escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio. Em 2008, ela foi ampliada para a lei 11.645 que traz também a História e Cultura afro- Brasileira e Indígena.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR). (BRASIL, 2008)

Esta lei tem como principais objetivos a valorização e resgate da identidade negra africana e indígena nos conteúdos escolares, mostrando a verdadeira contribuição histórica e cultural dos negros e indígenas na formação da sociedade brasileira, reforçando a construção positiva da identidade de alunos negros no ambiente escolar. Em relação aos negros, visa desconstruir as questões negativas e a visão distorcida da história dos negros trazida nos livros didáticos em que apresenta o negro somente como escravo, submisso, malandro, de pele e cabelo ruim, visto como inferior em relação às demais etnias. Além do mais, com a implementação dessa lei, seria possível promover discussões sobre o racismo dentro da sala de aula e quem sabe desmistificar a democracia racial que ainda se faz presente nos dias atuais principalmente na escola.

De acordo com Gomes (2002), admitir que na sociedade brasileira a igualdade racial não é uma realidade e o racismo ainda se faz presente é um dos maiores desafios que os educadores enfrentam no momento em que começam a pensar em novas práticas pedagógicas para serem abordadas em sala de aula no que diz respeito a identidade negra. A autora ressalta que questões identitárias como música, religião, estética negra, movimento negro entre outros elementos devem ser abordados no ambiente escolar. No entanto, diz que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para que a educação e a identidade negra possam estar juntamente inseridas nesse ambiente, já que nem a escola pública conseguiu promover um ensino de qualidade em relação às questões raciais, nem o ensino superior. Muitas são as

dúvidas no que se refere aos alunos de licenciatura, futuros professores, que irão atuar na rede pública de ensino, principalmente, se eles até o fim de sua graduação conseguem perceber com mais sensibilidade à questão racial, se desprender de seus preconceitos e desconstruir estereótipos sobre os negros. Dessa forma, não é possível saber se estão aptos para lidar com a diversidade dos alunos que irão encontrar pela frente.

Por tudo isso, a articulação entre a educação e identidade negra vai exigir de nós mais do que leituras, pesquisas e discursos elaborados: exigirá análises, novos posicionamentos e posturas por parte de professores e professoras negros e brancos, tanto da educação básica quanto do ensino superior, e requalificará o nosso discurso sobre a escola como direito social. (GOMES, 2002, p. 44)

Os professores em geral, sejam eles negros ou não, com menos ou mais experiência de trabalho, exercem um importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil. Eles devem estar conscientes que estão construindo cidadãos e que faz parte de seu trabalho levar para dentro da sala de aula discussões sobre a identidade negra, produzir e utilizar com os alunos materiais didáticos sobre essa temática, além de problematizar toda a história e cultura dos negros a partir de uma representação positiva. Dessa forma, sensibilizar todos os alunos sobre a situação em que se encontra a população negra no Brasil visando a igualdade racial no ambiente escolar.

Em conclusão, baseado na discussão sobre identidade negra em que os autores trazem argumentos diversos sobre a necessidade de uma reflexão dessa temática, foi possível perceber que a identidade negra não é um processo que envolve somente a cor da pele de um indivíduo negro, mas que depende de vários outros elementos que vão sendo atribuídos ao longo do tempo como o resgate da história, a busca por conhecer mais sobre a sua cultura e crenças, a valorização de marcas identitárias como o cabelo e o corpo negro, além da consciência do que é ser negro e vir a tornar-se negro (GOMES, 2002; GOMES, 2005; GOMES, 2012; MUNANGA, 2012; SOUZA, 1983).

Essa construção da identidade negra acontece todos os dias, a partir das relações que esse indivíduo estabelece seja no seio familiar, na escola, na sociedade, ou seja, em ambientes dos quais ele faz parte. Essas relações influenciam na maneira de como o negro se vê e é visto. Se o olhar do outro é de rejeição a quem ele é, muitas vezes esse sujeito pode lhe induzir a também pensar dessa forma e renegar, por exemplo, os seus traços negroides. Isso acontece frequentemente na sociedade brasileira por conta do racismo que os negros sofrem fazendo com que eles muitas vezes reneguem sua estética negra e busquem um padrão de

beleza que não é o seu. Quando o sujeito negro começa a tomar consciência de sua negritude, ele tem que estar preparado para assumir as rédeas da construção de sua própria identidade e se apropriar de sua história e cultura deixando para trás os padrões e valores eurocêntricos que durante todo o período escravocrata determinavam quem era o negro na sociedade. Então, ser negro é a cada momento fazer uma nova descoberta de quem se é. Assim para tornar-se negro é fundamental aceitar suas raízes e marcas identitárias, além de lutar pela valorização dos mesmos.

A escola tem um importante papel de contribuição na construção da identidade de seus alunos negros, valorizando sua cultura, resgatando sua história e enaltecendo sua estética negra, além da conscientização sobre o preconceito racial através de diferentes intervenções pedagógicas. É dentro desse espaço que o negro começa a se reconhecer como negro. No entanto, o que vemos é que a trajetória escolar acaba se tornando um período de exclusão e humilhações que perduram por muito tempo, em que a imagem do negro é construída em cima de uma perspectiva negativa. Assim como a escola, o professor seja ele negro ou não tem a sua parcela de importância na formação da identidade negra. Cabe a ele estar preparado para abordar as questões raciais dentro do ambiente escolar, construir juntamente com os seus alunos negros uma imagem positiva dos mesmos. É necessário que o professor assuma uma postura proativa e responsável em relação ao racismo.

4. 4 Representatividade Negra

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha/ Você é uma rainha
 O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
 Canto rap por amor, essa é minha linha
 Sou criança, sou negra
 Também sou resistência
 Racismo aqui não, se não gostou, paciência
 (MC SOFFIA, Menina pretinha, 2016)

Para falar sobre representatividade negra introduzo esse tema trazendo um trecho da música da cantora Mc Soffia que é uma menina negra, empoderada e que traz a representatividade na letra de suas músicas. Segundo Souza (2017), Mc Soffia traz em suas canções questões de preconceito e incentiva meninas de sua idade a amarem o seu cabelo crespo e sua pele negra. Cada letra tem uma mensagem de empoderamento seja ela em relação sexista, representatividade negra, racismo, estética negra. Vemos isso no refrão da música “Menina Pretinha”, em que Mc Soffia faz uma crítica ao estereótipo das mulheres

negras ao considerarem elas como uma “beleza exótica” como sendo incomum, esquisita e excêntrica. Ela reforça que as meninas negras não são apenas bonitinhas e sim rainhas, que não necessitam alisar os seus cabelos para se adequarem, mas sim devem ser resistentes para que o racismo não prevaleça.

Em algum momento da vida, de forma geral, as meninas negras já passaram pela fase de não se aceitarem por conta da cor de sua pele ou por usarem algum produto que prometia transformar os seus cabelos no que seria considerado um padrão ideal de beleza, o cabelo liso. No entanto, a culpa não era delas por pensarem desse modo e sim da sociedade que as condenou a acreditarem que seus cabelos esteticamente eram “feios”, “cabelos ruins”, “rebeldes”, “pixaim”, “bombril” entre outros termos pejorativos. Por não encontrarem nenhuma figura de representação de mulher negra na televisão, nas revistas, nas bonecas e, principalmente, em sua escola (ausência de professores negros com suas mesmas características físicas) mudavam completamente a sua aparência para serem aceitas numa sociedade que prioriza somente um tipo de padrão de beleza da mulher ou homem branco. E se encontrassem alguém que fosse como elas, era sempre em um papel inferior, a empregada ou a escrava. Já nas histórias infantis contadas na escola pelos professores, as princesas eram sempre loiras de cabelo liso, brancas de olhos azuis; nada parecidas com o que elas viam no espelho. No caso dos meninos, os super-heróis não eram negros, no máximo, o pedinte no sinal de trânsito, o órfão que não tem família e depende dos outros para sobreviver, ou o bandido marginal como se essas fossem as únicas opções de todas as pessoas negras. Não lhes foi contado a riqueza do continente africano, da cultura, da vestimenta, da beleza das mulheres e homens negros, além de toda a ajuda deles para a construção e formação do Brasil. No que se refere a falta de representatividade negra na escola, Veríssimo e Lisboa (2018) afirmam que:

Essa falta de representatividade negra em ambiente escolar é enorme, pois temos ainda muito silenciamento/ desconhecimento sobre a beleza e a complexidade da(s) cultura(s) negra(s). E essa questão dificulta o empoderamento das crianças negras, que desde cedo começam a tentar modificar a sua aparência com a intenção de ser aceita pelos colegas e para terem papel de destaque em apresentações em peças teatrais que em sua maioria tem estereotípias branca europeia. (VERÍSSIMO; LISBOA, 2018, p. 3)

Concordo com Veríssimo e Lisboa (2018) que o ambiente escolar que deveria ser um lugar de acolhimento, aprendizagem e construção da identidade negra acaba se tornando um

espaço doloroso de convivência para muitas crianças e jovens negros, pois, na escola, muitas vezes começa os primeiros insultos pejorativos e carregados de preconceito, além de existir uma falta enorme de modelos que ilustrem a história e cultura negra. Segundo as autoras, depois do ambiente familiar a escola é o segundo espaço em que a criança passa o maior tempo de sua vida e começa a se reconhecer como negra, a saber, o que é o racismo e a descobrir que existem diferenças e semelhanças entre ela e as demais pessoas em seu entorno.

A diferença de uma criança negra para uma branca em relação a representatividade é que a criança branca tem todas as referências possíveis desde que nasce, todas as mulheres e os homens brancos são sempre bem-sucedidos. Em contrapartida, a criança negra não tem a chance de ser representada de várias formas e visar as possibilidades de que podem ser presidente, professor e cientista ou almejem o que quiserem como entrar em uma universidade.

Se pararmos para pensar e nos perguntarmos quantos professores negros tivemos na escola durante o jardim de infância, ensino fundamental, ensino médio e graduação é possível que a resposta seja um, dois ou, o mais provável, nenhum. E destes professores negros muitos deles não se identificam como negros, de acordo com a autora Carvalho (2018) que realizou uma pesquisa em que faz uma comparação entre o Censo Demográfico³ de 2010 e o Censo Educacional de 2017, ela diz que havia um percentual elevado de professores que não se declaravam na opção cor/raça mas que com o passar dos anos esse quadro está revertendo porque cada vez mais as pessoas estão se autodeclarando, e o índice de pessoas pretas autodeclaradas de 2010 para 2017 aumentou consideravelmente, como é possível observar a seguir.

Comparando-se os dados do Censo Demográfico em 2010 com os do Censo Educacional de 2017, observa-se que pretos mostraram percentuais de participação na população superiores aos percentuais encontrados para os professores que assim se autodeclararam : 7,6% na população geral e 4% entre os professores. Pardos também se encontram sub-representados entre os professores: são 43, 1% da população geral e apenas 25, 2% dos professores. Brancos têm uma participação mais próxima: são 47,7% da população geral e representam 42,0% dos professores. (CARVALHO, 2018, p. 24)

Por mais que haja um aumento no número de professores negros que estão se reconhecendo como tal, ainda esse crescimento se mostra inferior no quesito ocupação de

³O censo da Educação Básica coleta dados sobre escolas, alunos e professores de todas as etapas da educação básica por meio do sistema Educacenso- Perfil do professor da Educação Básica, 2018.

espaços como as escolas públicas, privadas e universidades nos dias atuais. Esse crescimento ainda caminha a passos lentos; dessa forma, os professores negros ainda são minoria e a desigualdade racial prevalece. A presença de professores negros nas redes públicas e privadas significa empoderamento e representação para os alunos negros. Com eles, o estudante negro se sente acolhido dentro do ambiente escolar, porque tem alguém que se parece com ele em todos os aspectos começando a entender mais sobre a sua origem, valorizando a cor da sua pele, seus traços e cabelos crespos, tendo orgulho de quem é e elevando sua autoestima se aceitando como negro.

De forma geral, o termo representatividade é novo e abarca muito mais sentidos e acepções do que aparenta. Ainda não tem muitos autores que tratam desse conceito como sendo representatividade negra que é o conceito que é utilizado nessa pesquisa. Por esse motivo, trouxemos como exemplos definições de dicionário para pode ilustrar melhor o que ele significa. De acordo com o dicionário (AURÉLIO, 2019) representatividade significa “caráter do que é representativo ou qualidade reconhecida a um homem, a um organismo, mandatado oficialmente por um grupo de pessoas para defender os seus interesses”. Enquanto em outro dicionário representatividade é definida como “qualidade do que é representativo” (INFOPÉDIA, 2019). Na contemporaneidade, cada vez mais a questão da importância da representatividade de grupos declarados como minorias, que são eles os negros, indígenas, mulheres, movimento LGBTQI, imigrantes, portadores de deficiência entre outros, está sendo debatida nos diversos meios de nossa sociedade, seja nas mídias, na política, em revistas, filmes e novelas. Assim, representatividade significa que nos sentimos representados por alguém ou movimento que tem nossas mesmas ideais, características sejam elas físicas, culturais, comportamentais e linguísticas. Esses representantes através de sua influência coloca esse sujeito em posição de destaque, dando o direito dessa pessoa de ser representada e retratada com o mesmo direito de espaço que as pessoas ditas padrão.

De acordo com Yunes (2018) recentemente em 2018, um exemplo de representatividade negra foi o filme *Pantera Negra* que fez um grande sucesso mundialmente e levou inúmeras pessoas ao cinema para assistir a grande produção cinematográfica que contava com um elenco com sua maioria de negros. A narrativa era sobre um super-herói, mas não qualquer super-herói, e sim o primeiro super-herói negro a estar nas telas do cinema. Segundo o autor o filme valoriza a cultura africana, reforça a representatividade e o empoderamento da mulher.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma estudante de Pedagogia criou uma campanha via *Facebook* para que crianças negras fossem ao cinema ver *Pantera Negra* “*Doe 1 ingresso para uma criança negra ir ao cinema!*”. Segundo Silva (2018), o intuito da estudante era que as crianças se sentissem representadas na tela do cinema, elevassem sua autoestima tendo orgulho de sua pele negra, além de serem crianças negras que vivem em uma localidade com muita violência e tráfico de drogas que nunca teriam oportunidade de ir ao cinema. A autora relata que “Em um país onde as minorias sofrem ataques constantes, já seria de grande valia ter representatividade na televisão, porém, ao ver os seus traços fenóticos no cinema, imagina-se que a sensação de valorização étnica tenha aumentado ainda mais” (SILVA, 2018, p. 8).

Além do filme *Pantera Negra*, outras personalidades negras vem ganhando uma força expressiva principalmente na mídia, revertendo o quadro de desigualdade e preconceito arraigado em nossa sociedade, construindo novas perspectivas de vida para os negros para elevar a autoestima intelectual da população negra. Hoje em dia, com a representação e o empoderamento da população negra é possível ver negros ocupando cargos de posições de grande importância no mundo. Um exemplo é o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que foi o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos, assim como sua esposa Michelle Obama, a ex- primeira dama, que é uma mulher negra empoderada e influente. Temos outro exemplo, a cantora americana *Beyoncé* com suas músicas feministas e carregadas de autoestima para as mulheres do mundo todo que está deixando um legado muito importante de representatividade. Enquanto no Brasil, neste momento temos a cantora Iza que só em sua cabeça traz a força de sua ancestralidade com suas tranças. Como não mencionar a Karol Conka quebrando os paradigmas e militando pelo empoderamento e força da mulher negra na sociedade.

Em conclusão, é possível perceber que a representatividade negra é muito importante, seja ela nas mídias, na música, na política e principalmente na escola com a presença de professores negros. Quando se tem representatividade negra nesses meios, onde a minoria está em posição de destaque e é vista como protagonista, os negros começam a imaginar que ali também pode ser o seu lugar, a ter uma referência positiva do que é ser negro, a se reconhecer e se aceitar como negro, exaltando assim a sua negritude e mudando o seu modo de ver o mundo. A partir da representatividade é possível estimular a nossa sociedade a pensar não somente na existência de um padrão estipulado, mas na diversidade de padrões. Assim, quando pensarmos em uma pessoa bem sucedida não venha em nossas mentes

somente um homem branco de terno, traços finos e cabelos lisos, mas também uma pessoa negra, gorda, portadora de deficiência e etc.

5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi de pesquisa qualitativa. De acordo com Gil (2002), a seleção dos participantes que integram uma pesquisa qualitativa deve ser escolhida conforme as particularidades que os indivíduos tem em comum, no caso deste trabalho os participantes são acadêmicos de um curso de LA, futuros professores negros, que relatam suas percepções sobre a construção da identidade negra e refletem sobre o seu papel como professores em formação. Conforme Gil (2002, p. 145), “Uma amostra intencional, em que os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participantes, mostra-se mais adequada para a obtenção de dados de natureza qualitativa [...]”.

Para realizar esta pesquisa, os dados foram coletados a partir da aplicação de um formulário *online*, com um questionário aos alunos do curso de Línguas Adicionais, a fim de analisar as concepções desses acadêmicos sobre as questões da construção da identidade negra e representatividade de um professor negro. Na descrição do formulário havia uma ressalva em relação ao preenchimento do questionário, somente alunos que identificavam como negros podiam responder as questões. O questionário foi respondido por alunos de todos os semestres e até mesmo ex-alunos do curso. O objetivo era obter o maior número de respostas e diferentes visões e concepções sobre a construção da identidade negra. Além de averiguar como e se os professores negros em formação de Línguas Adicionais percebem a importância da construção de suas identidades negras e como elas estão sendo construídas neste contexto universitário. Tal questionário foi disponibilizado *online*, em uma página do *Facebook* do curso de Línguas Adicionais da UNIPAMPA, cujo acesso é restrito aos alunos do curso. O questionário ficou disponível durante o mês de abril no ano de 2019 e também foi enviado por e-mail pela coordenadora para todos os alunos do curso. Ao responderem o questionário, os alunos foram convidados a assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A).

De acordo com Mendes (2009), nos dias atuais, com a expansão da internet e das novas ferramentas tecnológicas que estão a nossa disposição é possível diversificar a forma de fazer uma pesquisa qualitativa, não somente da forma tradicional através de uma entrevista gravada ou um questionário escrito, mas também pelo meio *online*. À vista disso, o pesquisador tem várias vantagens a seu favor, como por exemplo, atingir um número maior de informantes, de modo mais eficaz, bem como acompanhar em tempo real o andamento de sua pesquisa. Além disso, para chamar a atenção do informante é possível usar diferentes

tipos de estimulantes através de fotos, vídeos, formulários e imagens e o informante pode responder as perguntas em qualquer lugar que estiver de uma forma mais confortável.

Dessa maneira, o poder comunicativo e ampla tecnologia disponível na internet podem ser adaptados a métodos qualitativos de coleta e análise de dados. Sendo a pesquisa on-line uma possibilidade metodológica da pesquisa qualitativa, ela se define também como uma atividade situada que localiza o observador no mundo. (MENDES, 2009, p. 1)

Nesse trecho o autor nos mostra como a *internet* tem ganhado uma grande dimensão na contemporaneidade que pode ajudar o pesquisador e facilitar na hora de fazer uma coleta de dados e análise dos mesmos em uma pesquisa. O pesquisador tem a possibilidade de ter contato com diferentes pessoas e ter o seu informante mais próximo dele. O formulário *online* facilitou nessa pesquisa qualitativa a coleta dos dados, visto que inclusive ex-alunos do curso, que não residem na cidade de Bagé-RS, puderam contribuir com a investigação.

Nesse formulário, havia um total de 15 questões dissertativas, com o objetivo de que as respostas fossem mais direcionadas as percepções e reflexões dos alunos sobre a temática de construção da identidade negra e representatividade. Dentre essas questões havia algumas perguntas pessoais, com o objetivo de identificar os alunos como: e-mail, nome, idade, curso e semestre. Enquanto que as demais questões estavam relacionadas à escolha pelo curso de letras, e a importância de terem tido professores negros na escola, caso tivessem, quantos foram. Havia também questões sobre o que é ser negro, aceitação e negação da identidade negra, racismo, materiais didáticos, importância de ter tido um professor negro e a visualização dos mesmos em relação ao futuro como professores negros. Na análise e discussão dos dados as respostas dos alunos foram agrupadas de acordo com perguntas que tinham objetivos de respostas semelhantes. A seguir o questionário do formulário com as questões propostas:

Tabela 1- Informações com as questões do formulário *online*

(continua)

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o seu e-mail? 2. Qual o seu nome? 3. Quantos anos você tem? 4. O que te motivou a fazer o Curso de Licenciatura? 5. Quantos professores negros você teve no ensino fundamental e médio? 6. Qual foi a importância de ter tido um professor (a) negro (a) na escola? |
|--|

Tabela 1- Informações com as questões do formulário *online*

(conclusão)

7. O que é ser negro para você?
8. Você lembra do momento em que começou a se perceber como negro(a)? Descreva.
9. Em algum momento você negou a sua identidade negra por causa do racismo? Descreva.
10. Você já foi discriminada pela cor da sua pele, traços físicos e cabelos crespos? Justifique sua resposta.
11. Quais são as características físicas e psicológicas que definem uma pessoa negra? E quais dessas características são consideradas boas ou ruins?
12. Você pretende abordar nas suas aulas temas relacionados à identidade negra e racismo de que maneira? Justifique sua resposta.
13. Quais materiais didáticos você pretende usar?
14. Nos dias atuais, você acredita que a representatividade de um professor negro na escola é importante? Justifique sua resposta.
15. Como você se vê como futuro professor (a) negro (a) Justifique sua resposta.

Fonte: Autora (2019).

5.1. Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa são acadêmicos do Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé. Para colaborar com a coleta de dados desta pesquisa os participantes deveriam se autodeclarar ou se identificar como sendo negros, além de serem formados ou discentes do curso de LA. Para se ter um controle desses alunos, foi solicitado à Coordenadora do Curso que enviasse um *e-mail* a todos os acadêmicos do curso com um convite para responderem o formulário *online* sobre a “Construção da identidade negra e a importância da representatividade dos futuros professores (as) negros (as)”. Também foi disponibilizado esse mesmo formulário na página oficial do curso de LA no *Facebook*, esta foi a forma encontrada para que os acadêmicos se sentissem mais à vontade para responderem ou não as questões.

Como foi dito anteriormente, todos os participantes dessa pesquisa compartilham das mesmas características: são futuros professores negros do curso de Letras – Línguas Adicionais. Ao total responderam a pesquisa 12 mulheres e 6 homens com idades entre 20 e 48 anos, entre eles três ex-alunas que se formaram recentemente nos anos de 2017 e 2018. Os demais 15 acadêmicos ainda estão cursando a graduação em Letras, eles são de diferentes semestres, dentre eles estão calouros que ingressaram no curso no ano de 2019.

Logo abaixo, disponibilizo uma tabela com o objetivo de mostrar e organizar as informações dos participantes da pesquisa. Nesta tabela, são apresentadas algumas informações gerais como: pseudônimos (os nomes usados são fictícios), as idades, e semestre o qual o discente se encontra no curso. Para os discentes que já concluíram, a opção para preencher com o semestre é substituída pela seguinte informação “Formação em Letras- Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e Respectivas Literaturas”. Sendo assim, todos os participantes dessa pesquisa serão identificados com nomes de personalidades negras da música, da televisão, do jornal, da política, das letras, ou seja, pessoas que foram muito importantes e influentes na história dos negros e também pessoas negras que estão fazendo história na atualidade. Os pseudônimos foram escolhidos pela pesquisadora deste TCC, por achar importante exaltar personalidades negras que fizeram e fazem tanto por todos os negros.

Tabela 2- Informações sobre os participantes da pesquisa

(continua)

PSEUDÔNIMOS	IDADE	SEMESTRE
(B. O.) BARACK OBAMA	23	1°
(B.) BEYONCÉ	26	Formação em Letras- Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e Respectivas literaturas
(D. P.) DANDARA DOS PALMARES	36	4°
(I.) IZA	21	5°
(K. C.) KAROL CONKA	24	7°
(M. A.) MACHADO DE ASSIS	48	7°
(M. F.) MARIELLE FRANCO	23	7°
(M. K.) MARTIN LUTHER KING	20	3°
(M. C.) MAJU COUTINHO	23	Formação em Letras- Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e Respectivas literaturas
(MC. S.) MC SOFFIA	20	1°

Tabela 2- Informações sobre os participantes da pesquisa

(conclusão)

(M. O.) MICHELLE OBAMA	22	Formação em Letras- Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e Respectivas literaturas
(N. M.) NELSON MANDELA	22	1°
(O. W.) OPRAH WINFREY	20	7°
(P. N.) PANTERA NEGRA	21	6°
(R.) RIHANNA	21	7°
(T. A.) TAÍS ARAÚJO	21	3°
(T.) TEMPESTADE	22	1°
(Z. P.) ZUMBI DOS PALMARES	22	1°

Fonte: Autora (2019)

6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

6.1. Construindo suas identidades negras

Discutir sobre a construção da identidade negra de alunos em formação, futuros professores, não é uma tarefa fácil. Principalmente quando esses sujeitos estão em um processo constante de descobertas e mudanças tanto de suas identidades, como, por exemplo, a aceitação da cor de sua pele, quanto profissionalmente na autonomia em sala de aula. Construir uma identidade negra requer um caminho de escolhas, reflexão e autoconhecimento do que é ser negro. Os participantes dessa pesquisa deveriam definir o que para eles significa ser negro, 8 alunos relataram que ser negro, além do fato de que o conceito, em si, pode ter várias definições, é *“ter resistência, lutar e ser forte”*. Estas palavras se destacam e perpassam os discursos dos alunos. Eles também consideram ser negro como sinônimo de sobrevivência, pois afirmam que para ser negro é necessário resistir à opressão, ao preconceito e à desigualdade que eles sofrem na sociedade todos os dias. As respostas desses participantes mostraram que eles definem o *Ser negro* como um sujeito que está em constante conflito, luta por seus direitos e espaço na sociedade. Esse mesmo sujeito que é subjugado pela cor de sua pele precisa manter viva a sua história e cultura além de se autoaceitar como negro. É possível ver essas reflexões no discurso de (N. M.).

Negro é saber que todos os dias você terá que ter forças para sobreviver, é lutar contra tudo e todos para que você consiga ocupar os espaços que são seus por direitos, é se aceitar e se amar do jeito que você é. Negro é saber que tens liberdade e que ninguém pode te dizer que esse lugar não te pertence, porque ele te pertence sim. Ser negro é amar o seu próprio cabelo amar suas raízes e se amar por inteiro. (N. M., 2019).

De acordo com o Censo Demográfico ⁴ da população do Brasil, segundo cor e raça realizado em 2000 “[...]se classificaram como brancos (53,7%), 10 milhões como pretos (6,2%), [...]65 milhões como pardos (38,4%)” (pág. 37). Em comparação ao Censo Demográfico

⁴ Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010.

de 2010 esses números aumentaram “se classificaram como brancos (47,7%), 15 milhões como pretos (7,6%), 82 milhões como pardos (43,1)[...] (p.75). Esses números mostram que as pessoas que se autodeclararam como pretos aumentou de 6, 2% para 7,6, os pardos de 38, 5 para 43,1% e a porcentagem que se identifica como brancos diminui de 53,7 % para 47,7%. A partir dos dados do IBGE, é possível afirmar que a população brasileira negra vem crescendo com ao passar dos anos, pois as pessoas estão se autodeclarando como negras.

Em contrapartida, ainda sobre a definição de ser negro, (R.) relata que ser negra ainda hoje em dia é uma questão de medo. Ela comenta também da falta de oportunidades que os negros enfrentam e a discriminação que eles sofrem em estabelecimentos. Enquanto isso, (O. W.) não saberia como definir o que é ser negro porque a ela nunca lhe foi feita essa pergunta. Outros três alunos definem ser negro como uma “*experiência de vida*” desafiadora, em que a pessoa negra não deveria vivenciar, em que ela acaba passando por situações desconfortáveis. Ao passo que, os demais quatro participantes disseram que ser negro se refere a “*descendência*”, mostrar através de suas raízes a sua força, sua determinação sua capacidade de fazer qualquer coisa. Além do mais, é “*ter consciência*” de que os negros não são escravos e sim descendentes de um povo que foi escravizado, como menciona (M. A.) no trecho a seguir. *Ter consciência de que não és o que a sociedade branca te rotula. Não eres descendente de escravos, és descendente de reis e rainhas, seres humanos que foram escravizados e reduzidos a animais. Mas que agora, tens a chance de colocar-te no lugar que te és devido!* (M. A., 2019, *grifo nosso*).

De uma forma geral, o reconhecimento como negro ou negra para algumas pessoas pode ser percebido a partir da infância com as diversas situações de preconceito e rejeição em que elas são expostas, seja de forma indireta ou direta. Enquanto em outras fases da vida, essa descoberta pode acontecer um pouco mais tarde como, por exemplo, frequentar espaços em que a militância da negritude está mais presente como é o caso da universidade. Dessa maneira, alguns indivíduos assumem a sua identidade negra com muito orgulho além de se apropriarem de sua história e cultura enquanto outras precisam de um pouco mais de tempo para “*Construir sua identidade negra*”.

Em relação ao próximo questionamento sobre os alunos lembrarem ou não, de um momento em que começaram a se perceber como negros, 5 alunos responderam que essa aceitação não aconteceu de forma tranquila porque foi na “*Infância*” em um fase em que eles estavam descobrindo o mundo e principalmente quem eram. No discurso a seguir, vemos que (K. C.) relata que desde sua infância já percebia que a cor de sua pele causava estranhamento

por onde ela passava, mas que, hoje em dia, ela se afirma como negra e na universidade está construindo sua identidade.

Desde pequena minha família deixou evidente as diferenças entre a cor da pele, na rua, na escola todos os dias as pessoas me faziam perceber uma pessoa negra de forma ruim. Agora posso dizer que estou me reencontrando como uma pessoa negra, me afirmando que sou sim e trazendo todas as coisas boas que a sociedade tenta apagar. Entrar na universidade foi maravilhoso, entrei em contato com pessoas incríveis que não me deixam sentir tão sozinha nesse mundo e me ajudam na minha construção da identidade negra. (K. C., 2019, grifo nosso).

Ao contrário de (K. C.), a identidade negra de (D. P.) nunca foi negada e ela sempre teve o incentivo dos “**Pais**” como é possível perceber “*Desde minha infância, sempre me reconheci como negra e meus pais sempre me fizeram ter orgulho de minha raça*” (D. P., 2019). Na contemporaneidade, cada vez mais novas pessoas estão se identificando como negros, aceitando sua tonalidade de pele, seu cabelo e sua ancestralidade. É isso que ocorre principalmente quando esse indivíduo se identifica com outras pessoas que tem os seus mesmos traços físicos, tipo de cabelo e etc. Esses sujeitos estão sendo protagonistas de suas próprias histórias sem esperar a aprovação da sociedade que os classifica pela cor de sua pele.

Enquanto isso, 5 alunos responderam que começaram a se perceber como negros quando ingressaram na “**faculdade**”. (R.) comenta que antes ela se considerava o tom de sua pele como “**morena**”, mas quando começou a participar de um grupo chamado “**Enegrece**”⁵ mudou o seu pensamento sobre a questão da cor de sua pele. O grupo que a aluna menciona é um coletivo de alunos negros que promove rodas de conversas, geralmente em algum espaço da universidade com o intuito de proporcionar debates sobre a negritude, racismo, permanência na universidade entre outros temas.

Sim. Até entrar na faculdade me considerei "morena" por muito tempo. Fui mudando minha cabeça quando comecei a participar de rodas de conversa do Enegrece. Ainda escuto pessoas me dizendo que por ter o tom mais claro, não sou negra, e sim morena, o que fazia eu me confundir. Porém hoje me vejo e me considero negra e luto por isso. (R., 2019).

⁵ Enegrece é um movimento negro da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Outros 4 alunos relataram que essa percepção aconteceu através da discriminação que eles sofreram em estabelecimentos quando o segurança seguia na loja, pelo tratamento diferenciado das pessoas ao evitar de sentar ao lado no ônibus e o preconceito aconteceu também na mudança de cidade. Por outro lado, (B.) e (P. N.) falam brevemente que começaram a se perceber como negros na escola e que nesse ambiente eles eram muito hostilizados pela cor de sua pele e principalmente pelo cabelo crespo. (N. M.) e (T.) foram os únicos participantes da pesquisa que disseram que suas identidades negras estão em um **“processo de construção” e “descoberta”** de quem eles são.

Já em outra questão que é um pouco parecida com a anterior, os participantes foram questionados se em algum momento negaram sua identidade negra por causa do racismo, 9 participantes responderam que **“não”**. Alguns deles disseram que já pensaram como tudo seria diferente se fossem brancos, mas nunca pensaram em negar a sua identidade negra. Em contrapartida, 7 participantes disseram que **“sim”** já negaram sua identidade negra por causa do racismo, alguns disseram que a forma de negar foi alisar o cabelo e outros comentam que como eles tem a cor da pele mais clara, eles tentavam se convencer que eram **“morenos”** e não negros como afirma (Z. P.), *“Sim, na maior parte da minha vida até aqui, sempre fui embranquecido, sendo considerado como moreninho, e inclusive reproduzi isso por muito tempo”*. Essa questão é denominada como colorismo como podemos ver a seguir.

Gradativamente, demonstra-se a tolerância e aceitação em sociedade daquele negro menos escuro, do mestiço, que podia alcançar os espaços inicialmente reservados aos brancos. O negro com sua cor mais acentuada permanecia excluído, rejeitado, a quem a sociedade não acolhia. [...] Surgia, assim, o denominado colorismo (ou pigmentocracia), forma de discriminação baseada fundamentalmente na tonalidade da pele: quanto mais escura uma pessoa, mas discriminação e exclusão ela sofreria. (SILVA E SILVA, 2017, p. 9)

De acordo com Silva e Silva (2017) em nossa sociedade, o colorismo é um termo que traz muitas reflexões, ele nada mais é que uma forma de discriminação baseada pela cor da pele do indivíduo negro. Desde o tempo da escravatura até os dias atuais, as pessoas negras que tem a pele mais escura recebem um tratamento diferenciado, em relação a uma pessoa negra com a pele mais clara que é denominada como mestiça, por sua vez, é aceita pela sociedade por assemelharem-se a uma pessoa branca. Dessa forma, essa pessoa acaba tendo mais privilégios e oportunidades que uma pessoa negra de pele mais escura. Nesse mesmo sentido, muitas pessoas por causa dessa discriminação acabam negando sua identidade negra

e tentando se igualar a branquitude de várias formas, a mais comum é alisar o cabelo crespo como forma de ser aceito.

A relação que cada um tem com o seu cabelo é muito íntima e particular, os negros mais do que quaisquer outras pessoas sempre tiveram uma relação de conflito com o mesmo. Imagine, pelo menos por um segundo que você é uma pessoa negra e passa toda a vida recebendo xingamentos sobre a forma e a textura de seu cabelo, as pessoas a sua volta dizendo que ele é *“ruim”, “duro” e “feio”* a todo tempo. Você acaba acreditando que tudo que elas estão falando é verdade e criando em sua cabeça uma imagem negativa de sua aparência. O que você faria para resolver essa situação? No caso de muitos negros, a única solução encontrada foi alisar os cabelos para que fossem aceitos pela sociedade e se sentissem mais confortáveis.

Na questão seguinte, os alunos deveriam responder se já foram discriminados pela cor de sua pele, traços físicos e cabelos crespos. A questão teve como resposta quase unânime *“os cabelos crespos”*, 11 alunos relataram em suas respostas que os cabelos crespos eram motivo de chacota em diversos ambientes como na escola, na rua, pela família e amigos, além de serem atribuídos apelidos pejorativos como cabelo *“ruim”, “Bombril”, “de lã” e “vassoura”*. As mulheres e homens dessa pesquisa contam que por causa da discriminação optaram por alisar os seus cabelos. Muitas vezes, o discurso de discriminação de uma pessoa que não tem cabelo crespo é entendido como forma de elogio como comenta (D. P.) *“Sim. Pelo cabelo que me lembre. Certa vez quando resolvi alisar, me disseram: Agora sim teu cabelo está bonito! Não me senti elogiada e sim discriminação por ele (meu cabelo) ser crespo”*. Já (K. C.) fala que está em processo de aceitação de seu cabelo natural. *Sim, desde que eu me entendo por gente. Pela família, “amigos”, na escola, na rua, em lojas... Enfim, o que mais marcou foi a discriminação em relação ao meu cabelo, ainda estou em processo de aceita-lo ao natural.*

A transição capilar é um processo muito delicado em que a pessoa negra deixa de usar produtos químicos que agriem o seu cabelo e passa a utilizar o seu cabelo natural, esse processo pode levar muito tempo até que o cabelo seja completamente restaurado e algumas pessoas acabam cortando o seu cabelo para que o procedimento seja mais rápido e outras acabam usando penteados africanos como tranças para ajudar no crescimento. De acordo com Daltro e Strelow (2017) a transição capilar permite que os negros, principalmente, as mulheres negras que são muito cobradas pela sociedade para manterem os cabelos lisos,

tenham um sentimento de libertação ao usarem os seus cabelos naturais, elevando a autoestima e percebendo a força que a beleza negra tem.

[...]O retorno do cabelo natural da mulher negra ocorre com o surgimento da transição capilar, que simboliza um ato político frente à sociedade ao demonstrar a libertação das imposições dos padrões sociais e um elemento corpóreo que evidencia a inclusão e segregação na sociedade. [...] Aliado a isso, identifica-se a utilização das comunidades virtuais, nos sites de redes sociais, como espaço para troca de vivências entre as mulheres negras que passam pelo processo [...]. (DALTRO; STRELOW, 2017, p. 2)

Em outras 7 respostas apareceu com muita frequência a questão da discriminação e perseguição em lojas e mercados por seguranças por conta da cor da pele, seguido do racismo velado em forma de piadas e brincadeiras como relata (N. M.) *“Sim, já fui perseguido num mercado, fui acusado de roubo, já me ofenderam por conta da minha cor, meu cabelo e entre outras coisas que já me aconteceram”*.

Na última pergunta dessa subseção, os participantes deveriam responder sobre quais características físicas e psicológicas definem uma pessoa negra e quais dessas características são consideradas boas ou ruins. Nas respostas dos alunos foi possível ver diferentes reflexões sobre essa temática, 8 alunos definiram as características físicas de uma pessoa negra como sendo entre elas pele escura/negra, cabelo crespo/ondulado, formato do nariz (largo, achatado), lábios grossos e grandes e boca. Enquanto nas características psicológicas, essa parte dividiu opiniões. Alguns definiram como estressados, violentos, inseguros, que tem complexo de inferioridade e baixa autoestima, também disseram que esses traumas são herdados do racismo sofrido. Entretanto, eles dizem que essas características são atribuídas aos negros de acordo com o que a sociedade racista pensa e define os mesmos e que tanto as características físicas quanto as psicológicas são consideradas como **“ruins”, “feias” e “fora do padrão”** pela sociedade. No trecho a seguir, podemos ver (N. M.) trazendo essas afirmações em seu discurso *Características físicas acredito que seria a própria cor da pele, o nariz e o cabelo. Quanto as psicológicas seriam os traumas, talvez causados pelos episódios de racismo já sofrido. Algumas pessoas consideram nossos traços, e a cor da pele mais escura como características ruins.* (N. M., 2019, **grifo nosso**).

Em contrapartida, 4 alunos responderam que não tem como definir as características físicas e psicológicas de um indivíduo negro, porque em relação ao físico existem diferentes traços, formatos e cores e enquanto a questão psicológica cada pessoa é diferente da outra.

Assim como fala (MC. S.) *Físicas são os traços que tem várias formas e cores, psicológicas não tenho como dizer, cada um é cada um. Pela sociedade ainda racista alguns pensam ser ruins os cabelos ou traços, e alguns nos taxam como mimizentos.*

Outros 3 alunos, trazem a discussão de que o preconceito contra as características físicas e psicológicas dos negros são denominados de forma pejorativa ruim devido ao preconceito estar enraizado em nossa sociedade. Logo a seguir, é possível ver (M. A.) trazer uma breve explicação sobre essa discriminação enraizada em nossa sociedade.

A herança colonial -racista - escravocrata brasileira faz com que tudo que for predominantemente negro seja considerado "ruim".(magia negra , humor negro , denegrado, até que se chegue ao famoso chavão tão adorado pelos racistas o tal " coisa de negro" Que características psicológicas pode ter uma pessoa vivendo num contexto desse??? massacrado psicologicamente e julgado como um cidadão inferior [...] (M. A., 2019)

O discurso de (M. A.) traz questões que já foram discutidas ao longo deste trabalho como a escravidão onde os negros ainda carregam as marcas e denominações atribuídas a eles nesse período e que ainda hoje são reproduzidas pela sociedade.

6.2. A representatividade negra em sala de aula

Se pararmos para analisar quantos professores negros atuam nas escolas públicas e privadas além das universidades em nosso país, esse número não é muito motivador e se mostra desigual em relação aos professores brancos. Não é difícil escutar relatos de pessoas negras em relação à falta de representatividade de professores que pareçam como eles quando são questionadas sobre quantos professores negros tiveram na escola durante sua trajetória escolar desde o ensino fundamental até o ensino médio.

Os participantes dessa pesquisa demonstraram a mesma ausência em seus discursos quando foram questionados sobre esse assunto. As respostas deles evidenciaram que 14 dos 18 participantes tiveram uma média de 1 a 5 professores negros enquanto os outros 4 não tiveram nenhum durante a sua trajetória escolar. E quando foram questionados sobre qual a importância destes professores negros na escola, dentre os 18 participantes, 6 responderam que foi importante, pois sentiram-se representados e conseguiram se enxergar através deles, entendendo que pessoas negras podem alcançar os seus sonhos e objetivos sejam eles quais forem. (N. M.) e (K. C.) relatam em suas falas essa relevância. *Apesar de ter sido poucos, é*

muito importante até por conta da representatividade e saber que você também pode conquistar aquele espaço onde você não vê com muita frequência pessoas negras iguais a você. (N. M., 2019). Da mesma forma (K. C.) traz a questão da representatividade, relacionada com os dias atuais, refletindo sobre a importância dos alunos disporem da presença de professores negros na escola, pois sua representatividade contribui muito no desenvolvimento dos alunos negros.

Quando eu era criança ainda não tinha consciência de ser negro. Agora consigo ver a extrema importância de ter professores negros nas escolas, pois a representatividade é essencial para a formação dos alunos, enxergar um dos seus em cada posto é enriquecedor e possibilita caminhos para seguir (K. C., 2019).

Enquanto isso, outros 2 alunos disseram que a presença de professores negros na escola contribuiu para que eles se sentissem motivados e incentivados por esses professores. Em contrapartida, 10 alunos afirmaram que nunca haviam pensado sobre essa questão, sobre a importância da representatividade, ou não se sentiram representados enquanto estavam na escola, porém destacam a sua relevância. Na maioria dos discursos os participantes trazem o termo **“representatividade”** em suas falas, esta é uma palavra que nos dias atuais vem ganhando uma força e um significado muito forte, principalmente para as minorias. Os negros fazem parte dessa minoria de pessoas, que não tem muita representatividade em vários meios de nossa sociedade e um deles é a escola.

Em relação a outra pergunta do questionário, os participantes deveriam refletir se, nos dias atuais, eles acreditam que a representatividade de um professor negro na escola é importante. Nessa questão, todos os participantes afirmaram que **“sim”**. De uma forma geral as respostas dos alunos apontaram que a presença de um professor é de extrema importância principalmente na escola. Muitos deles falam sobre os alunos começarem a se sentirem representados desde a infância; dessa forma eles acreditam que a representatividade causaria uma certa influência entre os alunos negros mostrando onde eles são capazes de chegar e ter acesso. No seguinte trecho (K. C.) faz uma nova reflexão, ela diz que na contemporaneidade cada vez mais as questões raciais estão sendo discutidas de forma mais aberta e em diferentes meios; e, ainda, aponta para a importância de ter um professor negro em sala de aula que para ela significa uma grande vitória, demonstrando para os alunos negros que é possível estudar e entrar em uma universidade, por exemplo.

Sim, muito importante. Atualmente se discute muito mais sobre o racismo, pessoas negras estão se aceitando mais ao meu ver, algumas assumiram seus cabelos naturais, a mídia também está mais diversa, artistas estão levantando a bandeira e discutindo sobre a temática. Então, acredito que ter um professor negro atualmente, significa que é possível ter um diploma, estudar. (K. C., 2019).

(O. W.) justifica sua resposta dizendo que ter um professor negro em sala de aula representa que esse sujeito tem mais “propriedade” em conscientizar os alunos sobre as questões raciais, do que um professor branco, pois esse sujeito já sofreu em sua pele a discriminação por ser negro.

Hoje em dia, acredito que a representatividade de um professor na escola é muito importante, principalmente pela propriedade em abordar certos assuntos dos negros, falar de racismo, tendo em mente que só quem sofre na pele as mazelas pode falar com mais propriedade, assim como as mulheres tem mais propriedade para falar sobre os assédios sofridos por serem mulheres. Não que quem não sofra não possa falar, mas o local de fala de um negro que sofreu racismo é diferente de um branco falando sobre racismo (O.W., 2019).

Na questão seguinte, os alunos foram questionados sobre o que os motivou a fazer o curso de licenciatura, as respostas foram variadas e sucintas, mas, foi possível perceber que alguns alunos antes de entrar na universidade já tinham o desejo de serem professores como é o caso da (D. P.) “Admiração pela arte de ensinar” da mesma forma (P. N.) relata que ele tinha o “Sonho de ser professor”. Enquanto que para os seguintes alunos a motivação venho através do desejo de aprender uma nova língua (MC. S.) diz ”Minha paixão por idiomas e por ensino”, assim como, (I.) “As línguas”, (M. O.) “a possibilidade de estudar línguas”, (L. R.) “ Inglês e Espanhol (aprender as duas línguas) e (B. O.) também compartilha da mesma ideia “ facilidade e gosto por aprender novos idiomas, além de tentar mudar a forma quadrada de ensino de línguas nas escolas” além da aprendizagem dessas novas línguas, ele enfatiza que através de sua prática pretende transformar no que ele chama de “ forma quadrada de ensino” é possível perceber que ele não concorda com os padrões de ensino de algumas escolas.

Já (O. W.) diz que sua motivação para ser professora venho do desejo de mudar a educação “Acredito que ser professora, mas o que levou a escolher foi querer mudar o mundo

ou ajudar a mudar a nossa atual educação”, assim como (N. M.) “Saber que posso fazer a diferença no mundo, começando dentro de uma sala de aula” e (K. C.) “Quero poder ensinar e ver que as pessoas que passaram por minhas aulas, estão entrando em faculdades e seguindo seus sonhos”.

Em contrapartida, (T. A.) conta que seu incentivo veio por meio da literatura “Sempre tive uma proximidade com a leitura, com os livros, e com isso fui buscar algo na área da literatura, e assim surgiu o curso de letras na minha vida”. Já para (M. F.) relata que “O contato com a literatura em outros momentos da vida fez com que eu quisesse aprender mais para talvez mudar a forma como a literatura é apresentada aos alunos, criando um afastamento”. De maneira um pouco similar, (M. K.) conta que sua motivação surgiu através da literatura e justifica também o seu desejo de ser um professor que faz a diferença como podemos ver no seguinte trecho.

Além de ter bastante interesse pela literatura e pelos estudos da linguagem, acho muito importante a profissão de ser mediador de conhecimento, tendo em vista que, além de ser gratificante passar algo novo aos alunos e contribuir, de alguma forma, para a sociedade, tu estás sempre aprendendo com os alunos e te desafia a estar sempre estudando. Pelo menos, é este o objetivo. (M. K., 2019).

Em contrapartida, (M. A.) conta que sua motivação foi para escolher a profissão vem na busca de novos horizontes e questão financeira “um provável aumento do leque de oportunidades profissionais e salariais”. Enquanto que para alguns alunos o curso não foi uma escolha e sim uma opção que no meio do caminho acabou se tornando uma escolha ser professor (a) como (R.) “No começo não era o que eu gostaria. Entrei pensando em trabalhar como tradutora, porém hoje minha visão mudou e me vejo como professora” assim como (B.) “Por gostar muito de inglês optei pelo curso, porém me encantei com espanhol e tudo isso me motivou querer aprender mais e ensinar”, (T.) “Não era minha 1ª opção, mas estou gostando” e (Z. P.) “O meu encontro com o ensino, me fez perceber que era o que eu queria para a minha vida.”

Para encerrar essa subseção trago as perspectivas dos participantes sobre a pergunta como esses estudantes se veem como futuros professores negros. Cada um deles traz uma diferente visão de como estarão no futuro.

(MC. S.) diz que pretende ser uma professora de universidade, já (R.) fala que ela quer ser uma professora que faça os alunos terem um pensamento mais crítico sobre a realidade. Enquanto isso, (M. K.) acredita que será um professor “estigmatizado, porém empoderado”, pois a cor de sua pele sempre será um problema na sociedade. “Mas se eu me aceitar, é o que basta!”. (T. A.) e (O. W.) desejam ser bons exemplos de professoras, da mesma forma (P. N.) afirma que durante sua jornada como professor terá muitos desafios “mas quer[] ser um motivo de inspiração para [que] outras pessoas negras se empoderem”, assim como (B. O.) que fala brevemente sobre o seu desejo de ser uma forma de inspiração para os seus alunos, além de deixar de ser um negro estigmatizado pela sociedade.

Quero ser mais um negro no mundo que sirva como inspiração, mais um dos que serve como oposição àquele estereotipo de “negro bandido” que só pode ocupar as camadas mais baixas da sociedade” quero ser mais um negro que faça as crianças e adolescentes acreditarem que eles podem sonhar o quão alto quiserem (B. O., 2019).

(D. P.) comenta que quer ser uma profissional que além de transferir conhecimentos para seus alunos, ela quer levar valores, estimular a reflexão e motivar a propagação destes conhecimentos. (M. A.) faz uma reflexão muito profunda sobre sua perspectiva como futuro professor negro, ele fala sobre continuar lutando para sobreviver nessa sociedade racista e que sua maior arma contra esse sistema é o seu diploma.

Me vejo como o homem que sempre fui!! Combatente e sobrevivente! Combatendo o sistema branco colonial, ainda tão presente, em todas as frentes possíveis e sobrevivendo a todas as tentativas de me derrubarem. Prossegurei fazendo a revolução, a revolução sem armas, pois um negro possuidor de um diploma, já é uma arma! (M. A., 2019).

Assim, como (M. A.), (Z. P.) também acredita que a através da educação ele poderá fazer a diferença na sociedade e diz que “A educação vai libertar meu povo”. Da mesma forma, (T.) comenta que quer fazer parte da história que revolucionará a educação e não apenas ser mais uma professora; já (M. C.) comenta que se vê como uma professora que se

questiona e pensa sempre na melhor maneira de conduzir suas aulas assim fazendo a diferença. Enquanto isso, (I.) pretende desconstruir preconceitos em sua sala de aula.

(B.) afirma que quer ser uma professora que ela nunca teve durante sua jornada escolar, além ser o que ela quiser. Enquanto isso, (M. F.) reflete que se vê como uma professora que faz com que os seus alunos discutam sobre racismo e seus privilégios, mas admite que para isso é necessário ter um preparo “psicológico” e pedagógico para poder desenvolver essa temática em sala de aula. (M. O.) compartilha da mesma ideia e fala que precisa estudar mais sobre as questões raciais para trabalhar em suas aulas. Em contrapartida, (N. M.) comenta que ainda não consegue se identificar como professor; (K. C.) também sente que não está preparada para lecionar, mas diz estar aberta para experimentar e aprender juntamente com seus futuros alunos.

6.3 A identidade negra e o racismo em sala de aula

Como futura professora negra assim como os participantes desta pesquisa sempre me questionei sobre qual seria a melhor forma de inserir os temas de racismo e identidade negra no planejamento de aulas, além de quais seriam os materiais didáticos mais adequados. Juntamente com os meus colegas de graduação pensávamos o quão é complicado tratar de temas que mexem com as emoções e o pensamento crítico dos alunos sejam eles negros ou não. A partir dessas reflexões e discussões surgem as perguntas de como professores negros poderiam se aprofundar nessas temáticas ou manterem-se neutros em discussões para não ultrapassarem limites para que os alunos não se sentissem desconfortáveis. Baseado nesses questionamentos, a seguir trago alguns excertos sobre as reflexões que os participantes desta pesquisa fizeram sobre a inserção dos temas racismo e identidade negra e também o uso de materiais didáticos em suas aulas. Além disso, faço uma breve discussão dos dados.

Em relação ao primeiro questionamento sobre se os alunos vão abordar temáticas como racismo e identidade negra, 13 alunos disseram que irão trabalhar esses assuntos em suas aulas, mas não especificaram claramente de que forma farão isso. Somente 3 dos 13 alunos disseram que irão discutir e abordar estes tópicos através de livros, cultura, história e política. (M. F.) relata em seu discurso essa afirmação além de pretender ressaltar os pontos positivos da cultura africana: “*Sim, trazendo aspectos políticos e históricos de resistência escravizados, éramos realeza. Para que os alunos negros não vejam o ser negro como algo ruim*” (M. F., 2019).

Quando os alunos conhecem e se apropriam de suas origens, cultura e história fica mais fácil eles se reconhecerem como negros e não negarem sua identidade; ainda mais quando esse reconhecimento acontece de uma forma positiva. Através de fatos históricos, reflexão e discussões sobre o que aconteceu no passado e o que está acontecendo no presente, os alunos acabam se tornando conscientes e reproduzindo discursos de valorização à sua cultura, exaltando desta forma a herança deixada por seus ancestrais. Enquanto isso, outros 5 alunos disseram que ainda não sabem ou não pararam para pensar sobre como irão inserir esses temas em suas aulas.

Sim, exatamente como ainda não sei, mas de uma forma muito leve e espontânea que traga uma reflexão sobre o valor da identidade negra pra quem for da raça negra (assumir esta identidade, e poder visualizar o valor e potencial que eles possuem) e ao mesmo tempo trabalhar o olhar de inclusão e aceitação e valorização de quem não é da raça negra sobre os negros (D. P., 2019).

Pensar sobre abordagens que contemplem a história e cultura dos negros não é uma tarefa fácil ainda mais quando esse assunto não é muito discutido nas cadeiras obrigatórias da graduação. Além do mais, há uma ausência da representação do negro de forma positiva nos livros didáticos e na literatura; o que vemos é o ensino de uma visão etnocêntrica, estereotipada, que ignora ou até mesmo oculta a participação dos negros na formação do Brasil. A lei 11.645 que torna obrigatória o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e indígena nos currículos das escolas públicas e privadas, e mesmo assim essas temáticas não ganharam o seu devido valor e importância.

Nesse processo, o material didático utilizado também desempenha importante papel, servindo de base para as discussões em sala de aula, onde inserido diretamente no espaço escolar, o livro didático é um auxiliar de grande responsabilidade no processo de aprendizagem, nas construções e representações do ser brasileiro, contextualizando o aluno frente ao conteúdo e ao meio social onde vive. (MATTE JUNIOR; ALVES; GEVELN, 2017, p. 1)

O material didático é um dos grandes aliados do professor em suas aulas principalmente nas escolas públicas, os livros. É necessário que eles apresentem um conteúdo de qualidade, contemplando a diversidade cultural que existe em nosso país, como é o caso da cultura da África e também da cultura indígena; que não aparecem de forma significativa

nesses materiais. Além do livro didático existem outras formas de tornar a aulas mais interessantes e produtivas, principalmente para tratar sobre os temas transversais.⁶ Em outra questão, foi feita aos participantes uma pergunta sobre quais materiais didáticos eles pretendem usar em suas aulas. 4 alunos falaram que não sabem ainda quais matérias poderiam usar e os outros 14 alunos disseram que através de música, séries, filmes, pesquisa na internet, livros de autores negros e textos. Destaco, mais uma fala de uma aluna agora identificada como (R.) que evidencia a importância do uso de materiais didáticos diversificados para a abordagem das temáticas de racismo e identidade negra “*Primeiramente levando discurso de atrizes e atores negros no qual comentam sobre isso, levar músicas, séries ou filmes que abordem o tema para enfim poder fazer uma discussão aberta em sala de aula* (R., 2019). Para o uso de qualquer tipo de material seja livros, vídeos, textos *online* ou música é necessário que o professor utilize com sabedoria e com um propósito para que a aula não se torne sem sentido e os alunos não percam a vontade de participar.

⁶ Os temas transversais são constituídos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Dessa forma, os temas transversais são temáticas relacionadas aos valores sociais como, por exemplo, as questões éticas, da pluralidade, da cultural, do meio ambiente, da saúde e da orientação sexual entre outros.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como venho ressaltando durante todo esse trabalho discutir sobre a Construção da Identidade Negra é um assunto delicado que requer muita reflexão, visto que envolve outros elementos que não somente a cor da pele do indivíduo negro, mas trata de toda uma trajetória de vida baseada no racismo, na desigualdade racial e na descoberta do que é ser negro ou melhor como se tornar negro. Acredito que essa temática é de extrema importância, ainda mais quando estamos falando de sujeitos que serão formadores de opinião e têm o dever de conscientizar os seus alunos sobre o respeito às diferenças sociais, sem distinção étnico-racial ou de gênero, mas que valorizam a inclusão de todos no ambiente escolar.

Dentro da escola, o aluno tem o direito de se sentir acolhido e representado nas diferentes áreas de ensino, mas para isso o professor deve estar preparado para oferecer esse ensino de qualidade, capacitado para poder discutir temas transversais que contemplem a todos como é o caso do racismo, da desigualdade racial e a construção da identidade negra. Ter o apoio da escola nessa luta faz toda a diferença, para que o professor possa enfrentar as diferentes adversidades que ele irá encontrar em sua sala de aula com turmas de alunos heterogêneos e com distintas vivências. Porém, sabemos que essa não é a realidade.

Para o professor negro esse trajeto é mais longo ainda, porque além de proporcionar o conhecimento aos seus alunos, ao mesmo tempo esse sujeito tem que estar consciente da luta em que ele irá enfrentar todos os dias contra o preconceito que é muito presente em nossa sociedade, reconstruir e construir sua própria identidade negra valorizando a sua história, cultura e raízes a partir de símbolos positivos. Entretanto, muitas das universidades não estão preparadas para dar o devido suporte para que os professores em formação possam trabalhar com as questões raciais nas escolas.

Penso que a educação em nosso país ainda tem um longo caminho a percorrer em relação a essas demandas que precisam ser supridas o mais rápido possível. No entanto, esse percurso fica mais curto quando existem pessoas dispostas a mudar essa realidade como é o caso dos participantes dessa pesquisa que se mostraram muito preocupados e engajados em dar um novo rumo para educação e, principalmente, fazer a diferença em suas aulas. Como futura professora negra e pesquisadora das questões de identidade negra a partir dessa pesquisa feita com os professores negros em formação do Curso de Letras- Línguas Adicionais, este trabalho foi uma forma que encontrei de resgatar minhas raízes e fortalecer minha identidade negra que ainda está em processo de construção e descoberta. Essa

investigação me proporcionou diversas contribuições que me fizeram refletir tanto sobre a minha formação como educadora, quanto para a construção de minha identidade como mulher negra.

A partir da análise dos dados e discussões respondemos as perguntas de pesquisa sobre como vem sendo a construída a identidade negra e a relevância da representatividade negra no contexto desses acadêmicos. Percebemos que os futuros professores negros estão construindo as suas identidades negras com base na descoberta e no reconhecimento de suas raízes; para alguns, esse processo está sendo mais rápido, enquanto que para outros de forma mais lenta. Primeiramente, eles estão buscando saber quem eles são, ou seja, o que é ser negro. Eles conseguem se enxergar como sujeitos descendentes de um povo que foi escravizado, humilhado e que sofre até hoje retaliações de uma sociedade racista que os subjuga e os denomina a partir de conotações pejorativas que reforçam uma imagem negativa dos mesmos. E em segundo lugar, esses sujeitos estão passando por uma transição em que não envolve somente a aceitação de seu cabelo crespo ao natural, da cor de sua pele ou os seus traços físicos negroides, mas também uma tomada de consciência das batalhas que ainda eles terão que enfrentar contra o racismo, a desigualdade e o seu espaço de representatividade na sociedade. Essas lutas se transformam em uma corrente de sobrevivência para que tudo que eles conquistaram até aqui se mantenha vivo por gerações e gerações.

Essa investigação também aponta que os participantes de acordo com seus relatos de uma forma geral mostraram que a falta de representatividade negra foi uma condição presente em suas vidas durante o período escolar desde o ensino fundamental até o ensino médio. Com a ausência de professores negros que os representassem na escola, esses mesmos indivíduos refletem sobre a importância de serem uma representatividade negra positiva na contemporaneidade. Eles afirmam que suas presenças irão contribuir principalmente para o desenvolvimento da identidade dos alunos negros como uma forma de incentivo e influência para que eles possam se enxergar através de uma imagem positiva e lutar por seu espaço na sociedade. Ainda, pelo que foi constatado nos relatos dos alunos, futuros professores negros, eles desejam ser professores e professoras que sirvam de inspiração para seus alunos e que através de suas práticas consigam mudar a educação. Apesar de muitos deles não se sentirem seguros para trabalharem com as questões raciais e não terem o suporte de um material didático de qualidade, eles expõem formas em que poderiam abordar essas temáticas como, por exemplo, através de livros de autores negros, vídeos, música, cultura, história e política sempre tentando promover debates em sala de aula.

Os futuros professores negros necessitam ser conscientes de que sua presença na escola deve ter relevância. Eles precisam se apropriarem de seu papel como educadores buscando por meio de suas práticas pedagógicas discutir sobre as influências africanas na cultura brasileira, exaltar a beleza negra e conscientizar, tanto os seus alunos negros, quanto os brancos, sobre a importância da igualdade racial. Quando um aluno negro tem um professor negro que o representa, ele consegue se ver positivamente através dessa figura. Esse indivíduo acaba construindo sua identidade negra de uma forma mais consciente. Mas, para que a representatividade através de professores negros se torne realidade, é necessário que tenhamos mais indivíduos em cada nível da educação na escola pública, na escola privada e na universidade.

Para concluir, acredito que esse trabalho traz contribuições significativas para se repensar e olhar de uma forma mais sensível para a negritude quando se fala em educação e identidade negra que vem sendo desenvolvida ao longo dos anos. Dessa forma, acredito também que este trabalho possa trazer reflexões que possibilite que muitas pessoas negras a se autoaceitem e tenham força para continuar seguindo em frente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 4 jul. 2019.

CASTRO, Yeda Pessoa. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. In: Secretaria Municipal de educação – Prefeitura da cidade do Salvador. (Org.). Pasta de textos da professora e do professor. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2019.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Série Documental Relatos de Pesquisa. Brasília, DF, n. 41, 2018. p. 67. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/1473981. Acesso em: 13 mar. 2019.

DALTRO, Luana Mendes; STRELOW, Aline do amaral Garcia. **Yes, We Can: A transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais**. In: Intercom- sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação XVIII congresso de ciência da comunicação na região sul, Caxias do sul, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163685/001024673.pdf?sequence=1>. Acesso em: 9 jul. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE AURÉLIO. **Representatividade**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/representatividade>. Acesso em: 30 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>. Acesso em: 10 mar. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria** (UFMG), Belo Horizonte, n. 9, 2002. p. 38-47. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296/1392>. Acesso em: 9 jul. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Brasília, Secretaria continuada, alfabetização e diversidade Ministério da Educação, 2005. p. 39-62. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra: body and hair as symbols of black identity**. [S. l.] 2012. p. 2-14. Disponível em:

<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 103- 109.

INFOPÉDIA (org.). **Representatividade**. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/representatividade>. Acesso em: 30 abr. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2000- **Características gerais da população**: resultados da amostra. IBGE, 2003. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/83/cd_2000_caracteristicas_populacao_amostra.pdf. Acesso em: 25 abr. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2000- **Características da população e dos domicílios**. IBGE, 2011. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em: 30 abr. 2019.

MATTE JUNIOR, A. A; ALVES, D. ; GEVEHR, D. L. **A representação da etnia negra nos livros didáticos**: O papel social da figura do negro no material de apoio pedagógico da educação básica. Revista Acadêmica LICENCIA&ACTURAS, Ivoti, v. 5, n. 1, jan./jun., 2017. p. 40-47. Disponível em: www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/download/141/122. Acesso em: 9 jul. 2019.

MENDES, C. M. A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextus Revista Digital** (UFPE), n 2, 2018. p. 01-09. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2019.

MENINA PRETINHA. Interpreté: MC Soffia. São Paulo: [s. n], 2016. 1 vídeo (2m42s). Publicado por Vras77. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i6M4LaEuIEk>. Acesso em 15 abr. 2019.

MUNANGA, kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, jul./out., 2012. p. 06-14. Disponível em: abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/246/222/. Acesso em: 18 jan. 2019.

NEGRO NÃO NEGRO. Interpreté: MC Mestiço. [S. l.]. [s. n], 2015. 1 vídeo (3m34s). Publicado por SOMMOS RAP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BvyCospsEZk> Acesso em: 4 jul. 2019.

SILVA, Tomaz. A produção social da Identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 73- 91.

SILVA, Wagner Machado da. **Cidadania e equidade**: a importância e os Reflexos do Filme Pantera Negra na Representatividade do Negro. *In*: Comunicação, Espaço e Cidadania – no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Anais [...] do XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul. Cascavel, Paraná, p. 2-13, p. 2-13. 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0807-1.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2019.

SILVA E SILVA, Tainan Maria Guimarães. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Revista Direito UNIFACS–Debate Virtual**. Salvador, n. 201, 2017. p. 1-19. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983. p. 1-88. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

SOUZA, Pamella Indaiá. **“Menina pretinha”**: A construção da ideia de empoderamento de meninas negras na mídia brasileira a partir da rapper MC Soffía. 2017. 70 f. Trabalho de conclusão de curso, Instituto superior de São Paulo singularidades infância, educação e desenvolvimento social, 2017. Disponível em: https://pamellaindaia.files.wordpress.com/2017/12/monografia_pamella-indaic3a1_vale-ok.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro. **As línguas adicionais na formação do cidadão**. Erechim: Edelbra, Cap 2, 2012. p. 38-61.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Projeto Pedagógico do Curso de Letras-Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas. Bagé: Unipampa, 2019, 182 p.

VERISSIMO, Julyana da Costa; LISBOA, Adriellekarolyne de Sousa. **A importância da representatividade negra na educação Infantil**: Questões iniciais. *In*: Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância. Brasília, DF, UnB, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/territoriosdeinfancia/89561-a-importancia-da-representatividade-negra-na-educacao-infantil--questoes-iniciais/>. Acesso em: 30 maio. 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 7-73.

YUNES, Mariana Mattar. A representação de heroísmo negro e expressões de impacto no filme Pantera Negra: análise de conteúdo em uma comunidade de fãs. *Diálogo*. **Revista Uninasalle**. Canoas, n. 39, 2018, dez. p. 67-82. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diologo/article/view/4931>. Acesso em: 10 jun. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa sobre "A construção da identidade negra e a representatividade dos alunos negros do Curso de Licenciatura em Letras-Línguas Adicionais da UNIPAMPA". Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine esta folha.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: "A Construção da identidade negra e a representatividade dos alunos negros do Curso de Licenciatura em Letras- Línguas Adicionais da UNIPAMPA"

Orientanda: Diana Medina Vaz - diana.medina.vaz@gmail.com

Orientação: Professora Dra. Kátia Vieira Morais- katiamorais@unipampa.edu.br

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar de que forma os futuros professores negros do curso de Letras -Línguas Adicionais da UNIPAMPA estão construindo suas identidades negras e se eles percebem nos dias atuais a importância de sua representatividade negra no ambiente escolar. As perguntas de pesquisa são Como os estudantes negros do Curso de Licenciatura em Letras- Línguas Adicionais, futuros professores negros, estão construindo suas identidades negras? e Como eles percebem a importância de sua representatividade negra na sala de aula nos dias atuais?

Seguindo uma metodologia qualitativa, mais especificamente uma obtenção de dados qualitativos por meio de um questionário. O questionário ou alguns excertos podem ser publicados como integrantes da pesquisa. O presente documento atesta que o/a participante está ciente de que sua voz poderá ser utilizada na publicação da pesquisa.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Eu _____, concordo em participar do estudo anteriormente especificado. Declaro que, de maneira clara e detalhada, fui informado(a) pela pesquisadora sobre os objetivos da pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

() Autorizo () Não autorizo a publicação dos questionários que a pesquisadora obter de mim para o uso específico em seu trabalho.

Bagé, ____ de _____, de 2019.

Nome: _____
 N° do RG ou CPF: _____
 Assinatura do/a participante: _____
 Assinatura da pesquisadora: Diana Medina Vaz